

Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

Hercília



Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

Hercília



© 2024 – Editora Unigala

Copyright © Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

O texto preserva o acordo ortográfico constante da primeira edição.

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Organizadores da 3ª edição

Pedro Borges Pimenta Júnior
Ramiro Esdras Carneiro Batista

Capa

Montagem Unigala

Diagramação

Pedro Henrique Lobato

Revisão

Maria das Mercês Bonfim Ambrósio
Pedro Borges Pimenta Júnior
Ramiro Esdras Carneiro Batista

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hercilia: Romance histórico

B333h / Pedro Borges Pimenta Júnior; Ramiro Esdras Carneiro Batista (organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 145 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-36-3

DOI: 10.29327/5416257

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Hercilia. 3. Romance histórico. I. Pimenta Júnior, Pedro Borges. II. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/hercilia-romance-historico.html>



Hercília: Romance histórico

Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira:

Hercília

Romance histórico

Prefácio de Pedro Borges Pimenta Júnior

Hercilia: Romance histórico

Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

HERCILIA



Sagrada memória[:]
Meu Pae João Alves de Oliveira,
Dr. Carlos José Versiani,
Minha irmã Maria Rosa Alves de Oliveira,
Minha esposa Josephina Ambrosina Durães
Ferreira.

A' Minha querida Mãe,
Exma. Sra. D. Serafina Alves de Oliveira.
A' Minha terna esposa,
D. Antonia Rodrigues de Souza Oliveira.
A meus filhos, meus manos,
meus amigos e á minha pátria.

A filosofia do povo não raciocina: sente. A sua dialectica é um instinto; a sua logica, uma impressão; a sua conclusão, uma lagrima.

Lamartine

SUMÁRIO

Apresentação à 2ª edição	10
Prefácio à 2ª edição	13
Nota editorial	18
Capítulo I	20
Capítulo II	23
Capítulo III	26
Capítulo IV	30
Capítulo V	41
Capítulo VI	45
Capítulo VII	48
Capítulo VIII	52
Capítulo IX	59
Capítulo X	63
Capítulo XI	68
Capítulo XII	74
Capítulo XIII	79
Capítulo XIV	84
Capítulo XV	91
Capítulo XVI	94
Capítulo XVII	99
Capítulo XVIII	106
Capítulo XIX	114
Capítulo XX	119
Apêndice	134
O autor e sua obra	140

Apresentação à 2ª edição

As desventuras da sertaneja Hercilia e seu indefectível papagaio-louro nos permitem uma viagem, assaz envolvente, ao sertão sanfranciscano do/no período oitocentista, mergulho que pode revelar-se mais profundo do que pressente o leitor desatento. Inicialmente, cumpre dizer que o romance que ora se apresenta custou muito aperreio a nosso escriba. Literaturas e aperreios: duas constantes em seu percurso de vida. Da combinação do primeiro esboço biográfico de Manoel Ambrósio (Vasconcellos, 1976), com as memórias de seus descendentes e amigos, constatamos que, para além dos conflitos e perseguições experimentadas pelo autor em função de seus posicionamentos políticos, explicitados em grande medida em seu jornal “A Luz”, o romance histórico em tela, quase lhe custou à vida.

Ocorreu que a Hercilia personalizada por Ambrósio aparentemente era homônima da filha de um potentado da região de Januária, sujeito que, para azar dos azares, era também membro dos “escureiros”, agremiação partidária contrária à dos “luzeiros”, que se reuniam no círculo do jornal ambrosiano. Até a presente data, descendentes e afilhados de Ambrósio narram à história do jagunço contratado por aquele coronel, a fim de assassinar nosso escriba, quando este empreendia o retorno de um dia de trabalho em Januária, em direção à sua residência, no Brejo do Amparo.

Reza a memória do clã dos Ambrósio que aquele jagunço acabou devolvendo o “serviço” ao coronel, não conseguindo disparar a carabina em razão da estranha intervenção de “pessoas de branco” que cercavam nosso franzino-herói, na poeira da estrada. A crônica familiar encerra-se com o mencionado jagunço – muitos anos depois e em seu leito de morte – pedindo perdão ao Manoel pelo intento, ao tempo em que detalhava as ordens que lhe foram dadas, bem como a suposta proteção de seres espirituais que o impediram de concluir o atentado.

A desdita deu-se, provavelmente, no alvorecer do século XX, quando Ambrósio publica capítulos do futuro romance Hercília, em seu jornal A Luz:¹

Imagem 01: Fragmento do Jornal ambrosiano



Portanto, não é difícil depreender que ao “pleito renhido” da política local, adicionou-se a coincidência dos nomes das mulheres, que acabaram rendendo a nosso literato a encomendação de sua *morte-matada*. Mas como propõe o Professor Pedro Borges no prefácio que segue, o romance pode ter sido inspirado na história remota da filha do general Emboaba, covardemente assassinada pelo próprio pai, segundo a tradição oral sanfranciscana. Para além disso, o enredo ainda guarda a possibilidade de tratar da fusão de diferentes narrativas de mulheres sacrificadas, em distintos tempos e espaços sertanejos, com o intuito de “lavar a honra” de seus patriarcas. Expediente relativamente comum em todo o semiárido, no curso dos séculos.

¹ Nota do apresentador: originalmente, Manoel Ambrósio publicou Hercília no jornal do qual fora proprietário e redator-chefe, entre 1902 e 1903. Do hebdomadário intitulado “Orgam dos interesses do povo”, poucos exemplares restaram. Em dois deles, relativos às edições de junho e julho de 1903, encontramos os capítulos finais do romance, como demonstra o fragmento de texto acima, relativo ao capítulo XVIII do livro em tela.

Isto posto, vamos a mais um capítulo de nossa *novella* contemporânea, que intenta percorrer e discutir a vasta produção histórica e literária de nosso querido romancista.

Ambrósio vive!

Ramiro Esdras Carneiro Batista,

em dezembro de 2020.

Prefácio à 2ª edição

Em 1923, o januarense Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (1865 - 1947) publicou pela Imprensa Oficial de Minas Gerais o livro *Hercília: romance histórico*, no qual narra os infortúnios de uma donzela sertaneja, filha de um fazendeiro radicado nas proximidades de Januária - MG, quando tenta viver um amor proibido com o vaqueiro da propriedade. Ao descobrir-se grávida, a jovem foge da ira do pai, o Capitão Leal.

Considerando o subtítulo da obra, é possível que esse enredo tenha sido inspirado na lenda surgida em torno do bandeirante português Manuel Nunes Viana, que teria “lavado” a honra paterna em razão do suposto envolvimento de sua filha com um rapaz de parcas condições. Essa foi, a propósito, a inspiração de Ambrósio para escrever o conto *A filha do general emboaba*, de *Brasil Interior* (1934).

Em *Hercília*, contudo, esse enredo básico foi transposto para a segunda metade do século XIX, com personagens diferentes. Ao narrar a história da heroína, o autor esboça, como pano de fundo, uma espécie de cartografia ficcional que registra as paisagens, os dialetos e tipos humanos dos sertões sanfranciscanos, abarcando não apenas o território mineiro, mas alcançando também o calcinado *Cariri*, no Ceará, violentado pela terrível seca de 1840. Nesse “mapa” figuram as “*caatingas, capões, furadas, várzeas, campos, prados*”² (p. 9) do sertão mineiro e também os vaqueiros, indígenas, barqueiros, jagunços, migrantes da seca e escravos que o povoavam.

Todos esses tipos estavam sob a autoridade dos grandes proprietários de terra, especialmente as senhoras e moças de “boa cepa”, cuja honra os mandatários consideravam propriedade suas, como ocorre à infeliz protagonista:

² Nota do prefaciador: todos os trechos aqui citados referem-se à primeira edição do romance *Hercília*, de 1923. A ortografia original foi mantida.

“Sou um pai deshonrado, coberto de infamia, de opprobrio, desgraçado por toda a minha vida. Preciso desabafar este peito e estas barbas velhas” (p. 66).

A perda da virgindade e a desonra paterna são, pois, o problema em evidência no romance: *“Hercilia transviara. Desfolhara-se a formosa grinalda de seus sonhos de virgem”* (p.51). Aos olhos daquela sociedade, a gravidez de Hercilia e sua fuga com o vaqueiro Angelo consistiam num ultraje e precisavam ser punidos, principalmente naqueles sertões onde, segundo Ambrósio, a cólera e a vingança de um pai eram consideradas infalíveis, sempre açodadas pela curiosidade e alarido dos vizinhos: *“Os curiosos davam extensas voltas nos mattos, agachavam-se nas moitas vizinhas e dellas viam de longe o capitão meditabundo”* (p.56).

Além desse núcleo temático fundamental, é possível destacar em Hercilia alguns elementos que lembram recursos narrativos celebrizados na obra de José de Alencar. Assim, tal qual em Iracema, Ambrósio insere animais na trama para simbolizar a natureza dócil e frágil da donzela: *“Nesse iterim, voando de sua gaiola de pau, pousa-lhe no ombro seu papagaio em amorosa tagarellice”* (p. 41). A intrepidez do vaqueiro Angelo evoca a valentia de Peri: *“não raro topava monstruosas sucuryús e mortíferas cascaveis [...] calcava aos pés aos mais perigosos monstros [...] e, lá, onde apenas sussurram os ventos e os filhos das florestas embalam os sonoros cantos, chegava Angelo”* (p. 24 - 25). E, por fim, a cena eletrizante em que o rapaz impede que Hercilia seja dilacerada por um touro feroz recorda, em alguma medida, os remates de O sertanejo.

Esses pontos de intersecção com a obra do escritor cearense não permitem conjecturar que Ambrósio tenha capturado as tramas alencarianas para pô-las em seu livro ou mesmo equiparar a produção literária de ambos, dados os contextos, projetos e estilos diversos. Antes disso, é possível compreender que tais arranjos narrativos façam parte de um repertório comum às criações que têm os sertões brasileiros por cenário, com a vantagem, no caso do januarense, de tê-lo acessado diretamente, *in loco*, já que Ambrósio fora um andarilho com pretensões arqueológicas, naturalistas e historiográficas, evidentes em vários de seus livros e nos documentos de seu arquivo pessoal.

Nesse sentido, é razoável posicionar o romance *Hercília*, assim como outros textos ambrosianos, no que se convencionou chamar de regionalismo, considerando o interesse ficcional em desvelar os ambientes rurais ainda não perscrutados pela representação literária. Contudo, o regionalismo presente na obra de Ambrósio poderia ser mais bem delimitado pelo que Albertina Vicentini (2007) chamou de literatura regional sertanista. Tal conceito expressa não apenas uma preocupação com o mundo rural brasileiro, mas abarca a ficção produzida no e sobre os sertões, esses espaços pouco conhecidos do público litorâneo que obrigavam alguns autores a se esmerarem para atingir altos níveis de verossimilhança. Igualmente, a violência que grassava nessas paragens inspirava, invariavelmente, enredos épicos, como na presente obra e em Antônio Dó: o bandoleiro das barrancas (1976), por exemplo.

Ainda no plano do conteúdo, é importante destacar as nuances góticas que escapam da trama, sobretudo nas passagens que introduzem e retratam o desfecho violento da protagonista. Assim, o capítulo XII consiste na longa descrição de uma paisagem totalmente diversa dos cenários amenos apresentados até então. Parece ser o divisor de águas da narrativa, pois marca o início dos relatos trágicos enunciados, de relance, nas primeiras páginas. No trecho a que nos referimos, o narrador retrata uma natureza selvagem e enfurecida, em agonia: incêndios terríveis na mata, calor insuportável, lua em brasa viva, a luz rompendo a custo o “*sendal funéreo!*”(p.48), cinzas cobrindo as águas, a floresta estremecida por um “*vento feral*” (p.49), lobos, serpentes, onças bravias. Todo esse cenário noturno e assustador prenuncia fato terrível, revelado pelo capítulo XIX, no qual o leitor é levado a presenciar “*o mais horrível quadro que se pode imaginar*” (p.77).

Essa estética presente na trama (assim como ocorre em *A Ermida do Planalto*, de 1945) é reforçada com a figuração das ruínas da outrora abastada fazenda do Capitão Leal em contraste com a paisagem paradisíaca descrita no início do livro: “*Que ruínas misteriosas são estas, que nos atraem nas cenas da solidão?*” (p.10). Além disso, o tema da cruz à beira da estrada, lembrando ao mesmo tempo a finitude do corpo e a imortalidade da alma, é retomado por Ambrósio em *Hercília*: “*A cruz na estrada! Oh! desengana-te, se te disserem que a fatalidade verdadeira é triste e dura. Caminheiro do sertão, quando encontrares uma*

cruz na estrada, tira-lhe reverentemente o chapéu” (p. 72). A cruz solitária ecoa na natureza a voz dos mártires que, inocentes, pedem justiça pelo sangue derramado nos violentos grotões.

Além disso, a obra também ganha relevo por ter sido originalmente publicada em formato de folhetim, provavelmente entre 1902 e 1903, no jornal A Luz, dirigido pelo autor. Esse detalhe ajuda a compreender como o escritor, que assinava os capítulos utilizando o pseudônimo Brazil do Valle, imprimiu suspense e tensão à obra na intenção de cativar ainda mais o leitor. Assim, quando cotejamos os raros vestígios do folhetim com o livro publicado em 1923, percebe-se a mão revisora de Ambrósio, acrescentando e ajustando o texto ao novo suporte. Nesse sentido, leves alterações demonstram a preocupação do romancista em peneirar as palavras, lustrando-as para causar melhor impressão no público.

Observa-se no livro, ainda, um admirável trabalho de mineração vocabular, empregado especialmente nos trechos que descrevem com detalhes a paisagem sertaneja: *“A carobeira do valle abria as sanefas rôxo-azues de seu sagrado calyce, e as flores côr de ouro das carahybas se derreavam languidas ao sopro da viração”* (p. 46). Tais descrições oferecem pistas sobre as emoções das personagens e quanto ao desenrolar da ação, provocando no leitor uma experiência sinestésica, em passagens como esta: *“E colméas da floresta, ventos das ramagens, passarinhos dos prados e vargedos alegres enleavam-se; e esse canto, esse zumbido, essa calma, esse ecco, eram flores d’alma, aromas de odorantes calyces á margem dos ninhos frescos, humectados do rocio santo das madrugadas [...]”* (p. 40).

O esforço do escritor em criar uma atmosfera sertaneja para o leitor também pode ser observado nas cinco partituras publicadas ao final do livro. As duas primeiras, O canto do sabiá e Da mãe da lua, de autoria de Mamede Longuinhos (tenente das forças públicas e responsável pela coleta de impostos de Januária), evocam o canto de duas aves de que tratam os respectivos títulos, mencionadas nos capítulos X e XII, brevemente. Outras três partituras, Cantiga popular [1], Cantiga popular [2] e Batuque, são de autoria do maestro Elysio Horbylon, natural de São Francisco - MG, e fazem referência aos *“cantares rusticos, acompanhados á viola dos filhos do sertão”* (p. 18) que animaram os festejos do batizado da protagonista e de Angelo, retratados no capítulo IV da obra.

Motivado, provavelmente, pela qualidade estética que atingira, Ambrósio remeteu exemplares de *Hercília* a intelectuais do Rio e de São Paulo. Apenas em junho de 1924 o livro recebe a atenção de um expoente da crítica carioca, Agrippino Grieco. Porém, contrariando as óbvias expectativas do autor, o articulista fez duros comentários à obra na coluna *Vida literária*, veiculada em *O Jornal*. Famoso pelo sarcasmo e ironia, o crítico desancou, injustamente, a linguagem do romance, que chamou de “tabelliôa”, fazendo troça, ainda, da preocupação do autor com a representação da paisagem. A crítica de Grieco pôs o livro de Ambrósio, inadequadamente, ao rés dos romances de sensação, terminologia utilizada para referir-se àquelas obras que se notabilizaram por trazer enredos com assassinatos cruéis, ações violentas e reviravoltas emocionantes. Embora esses elementos estejam presentes no livro, uma análise atenta levaria a conclusões menos apressadas e superficiais e demonstraria as qualidades da escrita do januarense.

Infelizmente, isso não ocorreu. A recepção de Ambrósio foi mais feliz quando circunscrita às agremiações dedicadas ao estudo do folclore. Isso pode ter eclipsado, de uma ou outra forma, o interesse pela produção ficcional do autor. O mesmo se dá quanto à produção jornalística, que merece atenção de pesquisadores, especialmente no resgate, se isso ainda for possível, de exemplares de *A Luz* que tenham resistido às traças.

Nesse diapasão, decorridos quase cem anos da publicação do romance (e cerca de 120 anos do folhetim), a presente edição de *Hercília*, bem como a reedição e publicação de outros livros do autor, permitem à nossa geração um movimento de justiça e reparação quanto à recepção displicente e preconceituosa, ao apagamento e silenciamento sofridos por Manoel Ambrósio e sua obra.

Para nossa sorte, a memória do sábio de Januária está mais viva do que nunca.

Salve, Ambrósio!

Pedro Borges Pimenta Júnior,

em dezembro de 2020.

Nota editorial

A presente edição de *Hercília*, romance de Manoel Ambrósio, não apresenta adendos ou atualizações em relação à publicação original, mas fez-se necessária para compor o acervo digital disponibilizado com acesso gratuito na rede internacional de computadores. O valor e aderência da obra a uma escola literária é tarefa futura para críticos abalizados.

A versão digital de *Hercília* insere-se no escopo dos trabalhos de investigação partilhados entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Médio São Francisco,
outono de 2024.



Capa da segunda edição (2021).

I

Em mil oitocentos e noventa e tres.

Estamos no valle do rio dos Pandeiros, valle ameno e rico, vizinho ao São Francisco.

D'aqui á confluencia do tributario distam quasi duas horas de viagem, e chama-se Bôa Vista a fazenda que visitamos.

Seu nome é secular; varios têm sido os seus condominos: por herança uns, outros pela compra de terrenos parciaes.

Contam-se maravilhas do seu passado, do qual já não existem vestigios sobre a riqueza dos primeiros proprietarios.

Todavia, não está de todo abandonada.

Jaz retalhada em pequeninas e acanhadas herdades, que, se não prosperam, dão tal ou qual idéa do trabalho e dos frutos.

Magnífica para cultura e criação, é incontestavel sua superioridade sobre os demais sitios vizinhos, pela extensão de suas mattas fertilissimas, suas caatingas, capões, furadas, varzeas, campos, prados, lagôas, campinas, veredas e a notavel belleza dos gados de seus pastios.

Aguas frescas e sadias banham-lhes as terras e derivam-se de veredões que vêm de longe, sustentandos por lacrimaes que perennemente escôam dos dorsos dos montes.

Arredondadas collinas, cobertas de deslumbrante verdura, apparecem e somem-se, como por encanto, sob a copa de borytizaes longinquos em grande parte do valle.

Junto ás fraldas dos outeiros, amparados de alguma nesga de matto, lavradores-aggregados têm levantadas suas cabanas.

Cobre a verêda proxima majestoso pindahybal; e lá, onde começa a floresta, alta e escura, perto do campo, lindos palmeiraes mostram seus leques acima das mais altas arvores.

Ventos leves e suaves rumorejam em retiros tranquilos e inhabitados.

A brisa da tarde, passando em perfumados agrestes, vae deixando nas flores e tapete das campinas um balsamo delicioso, que dulcifica a atmosphaera.

Emfim, nas soberbas perspectivas d'este pequeno paraizo, a luz fecunda do céu matiza os matagaes, florestas e chapadas, sob cujas sombras descansam aves e alimarias.

Mas, no meio de tantos esplendores, através das sombras d'essas velhas quixabeiras, por que apparece aqui esta tapéra solitaria e abandonada?

Que ruinas mysteriosas são estas, que nos attraem nas scenas da solidão?

Sem coberta, tendo apenas negras e derruidas vigas, cheias de musgo, jarrinhas e heras, a mão destruidora do tempo branqueia esses esteios, atolados em montões de formigueiros.

Laranjeiras, limoeiros, cidreiras, limeiras, coitezal, tudo coberto de enxertos e trepadeiras, estragando estas pobres plantas.

Coitadas! Já não produzem frutos sinão mangrados.

Nem uma bemfazeja mão para suavizar-lhes tanta angustia e sequeidão!

Um matto agreste nasceu, onde fôra outr'ora o quintal, o curral e a manga.

Como bravias crescem as arvores de São João!

A sambahyba farfalha entre escombros, e o cardo santo desabrocha amarellas flores em meio das urzes.

A fonte, que sem duvida correra outr'ora limpa, recebendo o rego do quintal, está convertida agora em brejo feio, tecido de espinhos e cannas bravas, onde só se ouve o zumbido de grillos e o compassado silvo dos cascaveis.

Ninho maldicto da floresta, desprezado pela ave, como é triste esta tapéra, onde ninguém ousa pernoitar !

O viandante teme esse aspecto de desgraça.

A superstição cerca-a d'essas apparencias frivolas emanadas das crenças populares: não raro aparvalhados pavores sobressaltam os camponios d'estas regiões, quando, com os cabellos arrepiados, nos referem um d'esses episodios reaes, que nos confrangem o coração, e, testemunhas oculares, murmuram-nos commovidos esta singella e despretenciosa historia.

II

Os anos de 1845 e 46 foram funestos ao Ceará. Desastrada secca devastára todo o territorio d'aquella provincia, de modo horroroso.

Por toda a parte a população gemia dolorosamente sem recurso de salvamento. Cidades, villas e povoados inteiros, completamente destituídos de gente, desertos e em ruínas sob o terrível flagello da fome e da peste.

Causava lastima o progresso atterrador do contagio, que, desdobrando suas longas azas sobre tudo o que era animado, alastrára a terra de ossadas humanas, insepultas, de envolta com as dos irracionaes.

Seccos os rios e ribeiros; no leito das mais abundantes fontes, onde paúes inaccessiveis pareciam inestancaveis, levantava-se o pó negro, calcinado, da terra gretada.

O sol abrasára todos os cereaes, apagando-lhes até os vestigios.

Os pastios torraram-se. O solo estava tão arido que a mesma relva se desfizera em poeira.

Campos, campinas, serras, vargedos, prados, florestas e valles, calvos, desnudos de qualquer folhagem, trajavam cor negra, como se varridos por incendio immenso.

O proprio vento, calido e espesso como um fumo, não acharia um galho verde onde sussurrar.

Poderia, quando muito, sacudir, chocalhando, essa longa mortalha.

As estradas pejavam-se de emigrantes peregrinos, que falleciam inanidos de miseria, comendo a carne podre dos animaes, mortos tambem de fome e peste, ou a dos cadaveres de parentes, paes, mãis, filhos, amigos e companheiros antes fallecidos.

Quantos rasgos de heroismo, quantas dedicações virtuosas, quanto exemplo de amor e abnegação no martyrologio da infelicidade!

Ah! cruzada dolorosa em que familias inteiras presenciaram horrores, forçadas a scenas que teriam movido a compaixão do mundo!

O roubo, a traição, o assassinio, a anthropophagia, actos de desespero, crueldade e selvajaria tambem se degladiaram n'essa tremenda arena da desolação.

O suicidio por sua vez seguira devastador.

Ah! contam-se cousas tão tristes...oh! quasi impossiveis!...

Dir-se-hia um juizo final para a pobre humanidade da terra cearense.

O extremo da penuria gerára o embrutecimento e a loucura.

Tal fome, e tanta, que se roiam os ossos humanos.

Falhando taes recursos, quando outros são lembrados, varias, sem conta as victimas que cahiram comendo batatas, frutas e raizes sylvestres, cujos succos venenosos serviam apenas para apressar-lhes a morte.

Extrema agonia!

Os caminhos do sertão pejavam-se de brancos esqueletos.

Eram os dos que, sem recursos, procurando tardiamente abrigo em terra estranha, haviam deixado a patria para sempre.

A morte dava em terra até com as criancinhas de peito, que, nada mais tendo a sugar de suas cadavericas mães, falleciam de fome, sêde, pranto e desamparo.

A taça se extravasára.

Viera a caridade do governo, porém, como sempre, por má hora, aproveitando-a poucos, e acudindo aos que menos careciam.

Muitos volveram esperançosos, de muito longe, e morreram mais depressa sob seus passos.

Outros, já salvos do perigo, cercados de todo o conforto, sentiam fugir-lhes a existência ao primeiro bocado de pão.

As cidades das provincias vizinhas regorgitavam de peregrinos, que, chorosos e na miseria, confessavam cheios de ternura que seu paiz era um tumulto.

Lá, nem uma sombra para abrigo; e do céu inclemente nem uma gota de orvalho.

A imagem da soledade, trajada de lucto, banhada de lagrimas e ferida de angustias, se debruçára desgrenhada sobre as ruinas do Ceará.

Raros os que, verdadeiras aves de arribação, alcançaram, uns para o norte, outros para o sul, por todas as direcções, a muito custo, salvar a vida.

Fóra da crise exterminadora, n'estas circumstancias a Minas Geraes chegára, no fim d'aquelle ultimo anno, o senhor Capitão Henrique de Oliveira Leal, antigo dono d'esta tapera.

III

Em Minas encontrára este homem alguns parentes soffrivelmente abastados, e, como elle, tambem emigrados em outros tempos.

A conselho dos seus afazendara n'este logar, cerca isto de quasi cinquenta annos, comprando uma parte de terras a um dos seus muitos possuidores.

Perseverante, e a custo de muito trabalho, em breve transformára esta propriedade em verdadeiro Eden.

O terreno occupado em commum chegava, e de sobra, a seus fins.

Com effeito, decorridos alguns annos, a prosperidade sorria-lhe encantadora, alliada aos aureos tempos de então.

Brisas fagueiras, rumorejando por laranjaes, brancos de flores e pesados de fructos, entoavam harmonias nos cannaviaes dos brejos.

A fonte clara e descortinada da vereda reflectia no fundo a verdura bella dos plantios, e uma ondulação suave das aguas mostrava a brancura das nuvens, rolando pelo azul purissimo do céu.

Não criava urzes, nem ortigas o vasto e enfezado matagal de hoje; outr'ora em seu logar um mandiocal verde-escuro sumia a perder de vista.

Vinte a trinta enxadas limpavam o chão agreste ao devaneio de ternissimas cantilenas, do romper da aurora ao entrar do sol.

A' tarde, na varzea vizinha que ainda vae dar á vereda, pastava um gado nedio, possante e curraleiro, que, procurando a ração, caminhava para a porta, dando ternos e compassados mugidos.

O fazendeiro era casado, e pequena a sua familia, constando, na occasião em que aqui chegára, da esposa e mais duas filhas.

Estas ruinas, que ainda hoje resistem ao tempo, são de uma casa terrea, de taipa, que elle mandára construir.

Era commoda e asseiada, coberta de telhas, com outros compartimentos destinados a diversos misteres da vida agricola: quartos para cereaes, depositos de couros, cangas, arreios, ferramentas, etc.

Mais apartado, a distancia conveniente, o pequeno engenho de pau para moer canna, uma officina de farinha, o estandarte³ do fabrico de assucar e rapadura do consumo.

Um rego refrescava um laranjal novo, o cafezal, cidreiras zambôas, limoeiros, jaqueiras, jambeiros, quarteis de ananaz, goiabeiras e outras frutiferas arvores.

Grande numero de aves, marrecos, gallinhas, patos, perús, arirys, pombos, cocaes e outros innocentes seres brincavam em aprazivel bulha dentro d'agua.

Via-se tambem um pequeno jardim e, á beira do rego, uma hortalica invejavel.

Alem, até onde a vista alcançasse, para o poente, uma extensa manga de capim mellado, bengo e vermelho accommodava o gado a definhar durante a ferra ou, nas grandes vaquejadas, retouçando a bezerrada e poldrilhos.

Finalmente todo esse aspecto de abundancia era um attestado do quanto póde e vale o trabalho.

Era de genio infatigavel o Sr. Leal, com seus 45 a 48 annos de então.

³ Nota do autor: espécie de forma rústica utilizada para moldar a rapadura.

Forte, agil, de estatura mediana, claro e cheio de corpo, sua physionomia tinha um *que* de desagradavel, tendo a cabeça precocemente bem grisalha, assim como comprida e espessa a grande barba, encobrindo-lhe a curteza do pescoço.

Entre pequeninos, faiscantes e vigorosos olhos, duas profundas rugas vincavam uma estreita fronte — campo largo das crudelissimas tormentas do espirito.

Dizia-se descendente de linhagem nobre; por isso mesmo pouco expansivo, reservado, certa ostentação vaidosa em relações de amizade e no trato em geral.

O povo destas regiões respeitava-o com acatamento.

Vivia assim menos mal, nababo desta Bôa Vista.

Sua esposa — Dona Lucinda de Nogueira e Castro Leal, ainda vigorosa, soffrivel matrona de seus trinta e varios janeiros, meio sympathica, porém, magra, nervosa, irascivel, meio anjo de bondade, quasi secca, sem ternura.

A seu lado, continuamente lidando, duas bellas moçoilas — Amelia e Andrelina — completavam o quadro da família.

E a existencia assim corria, abrigada ao mais lisongeiro clima, embora suspirosos recordassem sempre da terra natalicia essas forasteiras almas cortadas da saudade no exilio.

A suavidade do passadio, porém, e as commodidades da fortuna distrahiam-nas um pouco desses pesares, especialmente aos dois esposos, dando-lhes a natureza outros cuidados que bastante lhes interessavam.

Innocente qual as auras, linda como as rosas da chapada e o lirio da campina, mais um anjo baixára dos céos a este mundo.

Leal contava mais uma filha; e a alegria de tamanha ventura amortecia-lhe a lembrança acerba da patria.

Festejou o nascimento da filhinha com verdadeiro contentamento, e o anjo, sorrindo mysteriosamente, estremecia ao sopro doce da brisa, que, como uma sombra do passado, ou afinada nota de corda que se partiu, jamais lhe esqueceu o nome.

Ainda hoje, quando ella passa e suspira pela alcatifa do valle, ou enreda-se no verde topo das colinas ouve-se-lhe murmurar o doce nome de Hercilia.

IV

Quasi nos terreiros da casa, a meia eminencia do campo circumdado de matto, via-se erguido modesto rancho, coberto de folhas de palmeira, moradia de Leandro, antigo vaqueiro do abastado capitão.

Havia muitos annos que o acompanhava, ajudando-o em seus labores.

Da prosperidade de que gosava o fazendeiro, a maior parte devia-a aos esforços deste bom e diligente homem, desde que para aqui viera.

Em tudo via-se a mão robusta do invejavel trabalhador: a chacara, a manga, o rego, os roçados, a criação, a mesma casa, todos esses demorados capitaes enfim, confiados á natureza, recordavam o zêlo, o gosto e a intelligencia de Leandro.

Ornado de preciosas qualidades, honrado a toda a prova, seu patrão tinha-o em extrema confiança e estima, sendo elle quasi um administrador de seus bens.

O forte da fazenda era a criação.

Bôas e avultadas compras de gados vaccum e cavallar, eram feitas por vizinhos e distantes sitios.

Logradouros e mais pastagens apropriadas recebiam annualmente grandes boiadas que, á porta e em tempo opportuno; revendiam-se por um bom preço a boiadeiros que, attrahidos pela fama, aqui se abasteciam.

E' Leandro alma de tudo aquillo.

De uma norma exemplar, correcto no seu tracto, sem rebuços, sem adulação, francamente orgulhava-se da estima adquirida por seu merito.

Independente por uma regular economia, a amizade prendia-o ao fazendeiro; este, por sua parte, vivia alegre, queria-lhe tambem muito, confessando-lhe por vezes sua gratidão.

Desassombrado das grandes difficuldades do começo, suas esperanças animadoras caminhavam ás mil maravilhas.

Leandro era casado e não tinha filhos, quando tomára conta dos serviços vaqueanos, mas, decorrido algum tempo, parece que a mudança de clima operára um milagre.

Contava elle então seus quarenta e dois annos e trinta e cinco sua mulher, tendo doze de casados.

De doente e queixosa, qual sempre andava, a senhora Anna reflorescia por uma robustez feliz, substituindo as muitas epochas de desalento e tristeza em que vivia mergulhada.

Tudo se mudára em verdadeira expansão de goso; e, cousa singular!, no mesmo dia em que uma das meninas de Dona Lucinda fora avisar á senhora Anna que sua mãi dera á luz gorda e linda criancinha, identico recado volvia para a senhora Leal: tambem Anna era agora mãe de sadio rapagão.

Decorridos eram já oito mezes, quando um dia o cura da freguezia, em desobriga por estes logares, sagrára na mesa lustral e no mesmo vaso os nomes de Angelo e de Hercilia, innocentes seres de uma mesma aurora.

Para padrinhos de Hercilia foram convidadas pessoas de sua familia.

Os de Angelo, por antigos compromissos de seu pae, apresentáram-se gente humilde, mas honrada.

Houve ciumes por isso entre os dois amigos; em todo o caso um pouco mais tarde o chrisma anularia a sem-razão: seria tambem padrinho o Snr. Leal.

E, em bôa harmonia, seguiram-se os festejos do baptisado em casa do fazendeiro, onde se trocaram brindes ás familias dos pequenos.

Estes, deitadinhos em um berço, tinham os sonhos dos anjos. Naquella lufa-lufa de povo assustavam-se de vez em quando.

Se Hercilia chorava, Anna pressurosa acudia ao primeiro vagido, amamentando-a; e, se Angelo, assim a senhora Leal.

As duas mães queriam-se muito, e, contentes, dirigiam-se, regulando as exigencias do modico festim.

Os campônios dos arredores enchiam a casa, a convite de Leandro e Leal; nada lhes faltava, reinando sincero enthusiasmo.

Viera a noite; e, ao clarão do luar do mez de Junho, dois reforçados tambores trovejavam para além dos angulos do ermo, amenizando os cantares rusticos, acompanhados á viola dos filhos do sertão.

Homens e mulheres em sucia saracoteavam a valer, ouvindose-lhes estas rudes coplas, ditas por vistosa moçoila:

Ninguém jurgue sê feliz,

Inda stano em bom estado,

Que vem a tyranna sorte

E fais do feliz desgraçado...

Seguia-se uma cantiga por metade:

Lá em casa tem uma moça

Qu' eu mêmo é quem stô criano.

A despesa que a moça fais,

Eu mêmo é quem stô pagano.

Frenetico troar de palmas modelava os sapateados da cantora, que, desmanchando-se toda por engraçadas voltas e meneios, olhava, sorrateiramente vaidosa, a rapaziada, procurando n' aquelle meio um escolhido.

O violeiro tocava, então, o “diabo rio-abaixo⁴”, peça muito estimada dos sertanejos.

— *Burdarú⁵, diabo!*

— *Stá damnada hoje a Chiquinha do Licury!*

— *Stá siligristida⁶ hoje!*

— *Ella stá é summanada⁷!*

Taes os elogios dispensados á suciente, que, suspendendo nas pontas dos dedos o vestido de chita de Iaiá do ouro, tirava para a dança o Manoel da Caatinga.

Palmas reforçadas com o resto da cantiga, começada pela Chiquinha aos seguintes versos:

Viola, minha viola,

Viola, que que tu tem?

Viola, cond' eu bebê

Cachaça, te dou também.

Porém, tem certo sujeito

⁴ Nota do autor: Expressão utilizada na região Norte e Noroeste de Minas para designar uma afinação específica para viola que, segundo as lendas locais, seria a preferida do capeta. Ao ouvir o belo som, as mulheres atiravam-se na água, em busca da entidade. Morriam afogadas e seus corpos desciam rio abaixo.

⁵ Nota do autor: Bravo!

⁶ Nota do autor: Divertida.

⁷ Nota do autor: Refinada.

Que da moça stá namorano.

Porém, quem buli com ella,

Hen hen!

Vai p'a Bahia, chorano

Diá! diô! diá! ô la, la diá!

E os versos d'esta cantiga eram um desafio ao violeiro.

Segundo o costume, um outro teria que responder em seu lugar; não foi necessario, porque ao pé da lettra este retrucou:

Sou barba dura

Cum fama de matadô.

Saca-trapo da verdade

E' a cachaça, sim sinhô.

O amô é uma cangaia

Que bota em quem qué bem.

Quem não quizé levá cangaia

Não queira bem a ninguém.

Cantiga:

La em casa tem uma moça

Qu'eu mêmo é quem stô criano

A dispesa que a moça fais

Eu mêmo é que stô pagano.

E, enquanto palmas soavam, elle continuou num repente:

E a muié condo tem raiva,

Mette a perna: tem-tem-tem!

A soberba cumbatida

Foi que matou Pedro Lem:

No céu entra quem Deos qué,

Na terra vale quem tem....

Sinão, levano a cangaia,

Leva o rabicho tombem:

E midiato vem a carga

E a sobrecarga, meu bem!

E, riscando forte a dura e comprida unha nas cordas da viola, ouviu-se esta ultima gemer:

Porém, tem certo sujeito

Que da moça stá namorano.

Porém, quem buli com ella,

— Hen-hen!...

— Vai p'a Bahia, chorano.

Dirá, diô, dá rá ô... ô lá lá lá lá...!

— Viva a folia, negrada! Sapateia e puxa a fieira! viva nós! diziam uns.

— Stá intrapigaitado⁸, o diacho da viola! Hum! Quem é que cae na heba⁹ de mechê cum esse tataú¹⁰?! — outros assim murmuravam.

Não eram sómente estes que se divertiam.

Lá pelos fundos da casa outro rancho cantava quentemente este batuque, ao som de arrufado tambor:

Guilombê

Guilombá.

Imburana de cheiro,

Jatobá

Imbigada de perto

Não fais má.

Dezoito longos annos, no emtanto, rolam sobre estas harmonias para sempre extinctas.

Dezoito primaveras hão desfolhado no chão agreste a curta existencia de suas perfumosas e singelas flores.

Outros écos voam para as devesas e prados.

A torrente em seus meandros espraia-se na campina, reflectindo a florescencia de trepadeiras vivazes, enroladas nas arvores e nos arbustos.

Que formosa cordoalha alastrando o mattagal!

Que paizagens divinas e fontes de celestes harmonias!

Lindas ararunas desprendem os vôos das copas dos borityzaes e pousam alegres á grata sombra dos rasteiros catulés.

⁸ Nota do autor: Enigmatico.

⁹ Nota do autor: Tolice.

¹⁰ Nota do autor: Grande, elevado.

Passaros pretos, sacudindo as azas, soltam gorgeios que enternecem até á saudade.

Pegureiros d'essas brenhas descansam em terra núa á sombra das mangabeiras, olhando para estas scenas, sem uma scentelha de amor.

Indifferentemente tudo vêem, menos o gado a pastar a tonsa verde da margem da torrente.

Coitados! Scismam. E nas profundezas de um scismar, quantos mundos de illusões.

E' que as scenas vivas guardam no fundo do painel o traço magico da divinal palheta que as criou.

Elles sabem que muitas arvores são sagradas pela lembrança do passado.

Angelo e Hercilia parecem ahi chegando envoltos em luz, si bem não existam mais; porém, estas paizagens, estes prados e campinas, sombras das palmeiras, aguas das vertentes, estes céos azues, viram-no em dias mais venturosos, ao lado um do outro, desde os primeiros annos juntinhos sempre, sempre amorosos, inseparaveis.

Quem assim os contemplasse, diria logo: — irmãos gemeos — e, de facto, gemeos n'alma, no mesmo pensamento.

Sagraram esta união o leite, os carinhos maternas e a intima amizade das duas familias.

— Meu filho! dizia com ternura Lucinda ao pequeno Angelo.

— Minha filhinha, meu anjo! murmurava Anna ao abraçar Hercilia.

E, como uma visão venturosa, assim deslisou este estadio de innocencia.

Chegara por sua vez tambem a Natureza abrindo as amplas azas; Hercilia n'ellas se reclinára e, celeres, bem celeres os dias, qual passaro fendendo os ares em busca de dourados exilios.

Angelo batia a mesma rota, seguindo-a.

Imprescindível sua segunda vida, su'alma, emfim.

Viste já o casalzinho de novas rôlas, mutuamente serenando as hispidas pennas em seus queixumes, quando na sésta por entre as ramarias sussura a doce aragem?

Assim elles.

Descuidosos, não presentiam, já arvoredo, aos arbustos que o rocio de outro tempo banhára em matinal albor.

Quando o inverno vinha cerrar os horizontes, por elles roçagantes resvalavam as humidas e candidas nuvens do céu.

Os iris d'essas estações desciam do infinito com suas formosas côres, pousavam no dorso esverdinhado das florestas, e, alentando trepadeiras gigantes, n'ellas debruçadas, abriam essas corollas de enormes flores, e, quaes grinaldas de virgens, coloriam-nas ao longe.

Ah! parece que n'esse tempo se respirava o que quer que fosse de Deus nos matizes das campinas, no pendor das chapadas, na belleza incomparavel do ermo, das veredas e dos palmeiraes; e a virgem sertaneja recebia uma dessas impressões que fixam n'alma doces episodios dos sonhos de criança, notas errabundas de derrocadas melodias.

Ella se desenvolvera de anno para anno, e nos primores da idade, n'esse scismar de innocencia affagava-a sempre a imagem immorredoura do companheiro de sua mocidade.

Este, não menos que ella, consumia-se n'uma dedicação admiravel de amor fraternal.

Tudo d'elle — Celinha! tudo pare elle — Celinha, e Celinha, rosicler imagem, plenitude etherea dessa razão inda chrysalida, visão bella e radiante, rompendo os nevoeiros mysteriosos da infinita estrada do coração.

Verdes annos tinham formado já os anneis de uma cadeia indissoluvel.

Quem os quebraria?

O leite, o berço, o balbuciar das primeiras phrases, os folguedos, os affectos, um só perfume de amor com tintas de fogo gravaram-se naquellas duas almas.

Quantas vezes, debaixo da sombra dos borityzaes, enquanto pastavam as vaccas de leite, elles, pequeninos pastores, se despiam para o banho das aguas crystallinas!

Nas horas do mormaço, quando a canicula pejava de flammias a solidão, sumiam-se aos murmurios da fonte, bordejadas de algas e canniços.

Pequenos seixos jogavam então ao mais fundo d'agua, onde porfiavam em tiral-os, mergulhando.

Quem primeiro os achasse, avisava e, de novo, jogando-os em logar mais difficil, voltava a procural-os.

Muitas vezes Angelo vencia.

— Celinha!

— Hein!

— Gallinha assada? — Assada!

— Fricta ou cozida?

— Fricta!

— Vamos a ella?

— Vamos!

E lá se sumiam na profundeza da fonte.

A pastorinha não se deixava vencer tambem, indo certa ao logar; e, quando victoriosa na porfia, gritava, nadando á tona:

— Anginho?

— Heim, Celinha?

— Gallinha assada?

— Assada!

— Fricta ou cozida?

— Cozida!

— Vamos á ella?

— Vamos!

V

Nestes ineffáveis brinquedos o banho prolongava-se por horas longas até que, moderada a calma, quando as sombras do deserto trepavam as eminências do valle, retiravam-se, ora cantando, ora tangendo mansamente as vacas:

— Batatinha! Touquinha! Mulata! Carauna! Olé! ô lá! ô can!...

Ah! quantas vezes juntinhos, vigiando as roças, tangiam, correndo, os passarinhos nos milharaes!

Com a vida quasi em commum nas duas familias — cada qual uma occupação.

Durante o dia ninguem na ociosidade.

Entrada a noite, enquanto durava a labuta, as crianças occupavam-se de leves trabalhos.

Ao clarão do luar, alegres, brincando, sorrindo, pilavam o milho, o arroz, a mamona.

Cansadinhos, estendiam macio couro de boi e adormeciam ao lado um do outro.

Aos domingos Angelo dirigia-se a veredões distantes, dias inteiros, atravessando pantanos á cata de filhos de passarinhos e papagaios, trepando as altas arvores.

Nessas temerarias excursões não raro topava monstruosas sucuryús e mortíferas cascaveis, que se espantavam umas, achatavam-se outras para o bote

infallível; mas, intrepido, as repellia espancando, matando, ou saltando as negras e luzidias roscas.

Muitos d'esses reptis, desenrolando-se, desapareciam nos folhiços podres, ou chafurdavam nos charcos, cuja superfície estremecia com seus rancos.

Já crescidinho e sem medo Angelo de nada fazia caso.

Celinha era sempre o escudo dessa admirável coragem.

Onde suspeitasse ou descobrisse um ninho, precipite calcava aos pés os mais perigosos monstros, guindava a palmeira ou burity, por mais elevado, e lá, onde apenas sussurram os ventos e os filhos das florestas embalam os sonoros cantos, chegava Angelo.

Uma vez vira um buraco em uma velha palmeira e delle sahir uma linda arara.

Que alegria!

Um vento forte, porém, agitava nesse momento todo o matagal, donde se levantava um sussurro da passarinhada, a procurar um refugio.

A palmeira oscillva.

Elle subia sem reflectir no perigo.

Subito um baque em cima.

Parou um pouco; e, sondando por entre a espessura da copa, nada vira.

Continuou; e quando o ninho estava a dois metros apenas, um estrepitoso rah! deu signal de alarma bem perto de sua cabeça.

Era a defesa; a arara estava furiosa e atacava-o doidamente.

Angelo, com os cabellos eriçados e numa altura descommunal, sentiu cansaço e foi descendo.

E o ninho estava tão perto!

Não promettera a Celinha levar-lhe n'aquelle dia um casal de araras?

E, como se a imagem d'ella alli presente o reprehendesse de sua hesitação, cobrou animo e guindou-se de novo.

Lucta encarnçada!

Quando Angelo metter a mão no buraco e arrancara os filhos da arara, esta, gritando, assoviando e a esvoaçar com desespero, pousara-lhe á cabeça, agarrando e cortando com o bico o chapéo de couro que, escapando-se com ella rolára em um espinhal do pantano.

Um calefrio percorrera o corpo do menino, sentira fadigas, porém favoravel a descida, em poucos minutos estava em terra.

As avezinhas que trazia, tinham fome, abrindo os biquinhos como a chorar.

Temendo novo ataque, não procurára mais o chapéo.

Tem surtos a natureza animada, e o amor maternal, quando bate, nem o proprio leão se julga forte.

A arara espreitava-o, ralhando, voando de galho em galho.

Uma bulha surda avolumara-se nos mattos.

Um bando de araras!...

Mas, elle estava longe. — fugira.

Fóra do perigo, cortára um olho de bority e, com as palmas, cuidadosamente arranando um balainho, agasálhara as aves ainda implumes, e triumphante correra para Celinha.

Esta, todas as vezes que Angelo se ausentava, tornava-se impaciente, indo sempre esperal-o á casa de seus paes ou ás bordas do campo, ou do vargêdo proximo, no rumo em que pensava dever apontar.

Tal succedera nesse dia.

Do campo ella avistara-o na orla extrema e baixa dos borityzaes.

A distancia era grande, mas venceu-a, correndo alegremente.

Angelo tambem corria.

Que inexprimivel doçura de amor e castidade!

Ambos, embevecidos um no outro, abraçadinhos, contavam as reciprocas horas de amargas saudades com a innocencia nos labios.

Agora vinham saltando de contentes, elle, contando as peripecias da viagem; ella, muito admirada, a beijar ternamente o casalzinho de araras, depois, censurando-lhe as travessuras, enxugava-lhe com a saia o suor, apartando-lhe os cabellos lizos da tostada fronte.

Riam-se de satisfeitos e assim chegavam á casa.

VI

Hercilia possuía já um papagaio que Angelo lhe dissera ter achado no cupim de um taboleiro ao pé do campo; a esse campo e flores que lá cheiravam, dera o nome de flores e campo de Celinha.

Muitos desejos tivera a menina de visitá-los desde logo, e pedira que a levasse lá.

— E' muito longe, Celinha.

— Pois então, traze-me uma dessas flores. Não! uma não; duas, tres... um galho, ouviste?

— Sim! Você quer hoje mesmo?

— Quero.

Angelo partira. Era uma ordem.

— Olha! gritára ella, vendo-o prestes a sumir-se no matto, não te demores muito; escuta ainda: eu quero a mais bonita de lá.

— Sim! Celinha, eu voltarei já.

Como affirmára, o campo era bem distante.

Uma legua d'alli, passava junto aos barrancos de umas brenhas, quando ouviu um mugir de animal desconhecido.

Parou e o mugido parou também.

— Que? Será possível? Ouvi! mas, onde será? murmurou consigo. E, demorando-se alguns instantes, nada mais percebera. Dispunha-se a partir novamente, e eis que a poucos passos se agitou o capim, e, a seus pés, balindo, saltára um veadinho.

Agradavel surpresa! Angelo em ansias ia segural-o, mas o animalzinho, presentindo-o, escapulira, sumindo-se por uma rampa. Seguido de perto por muito tempo ainda, foi sem difficuldade alcançado no fundo estreito de um barreiro.

E, cousa singular!, Angelo corria tão doido pelo veadinho que não sentira quasi ter saltado um abysmo.

Como que o chão lhe estremecera sob as plantas, e só então notára ter calcado as roscas de grossa e enorme cobra, truculenta giboia, cujo ventre, em extremo crescido, descansava immovel nas terriveis espiraes das malhas escamosas e reluzentes. Gozava o monstro da sua maior adstringencia. Apesar daquella inconveniente trapalhada, não se mexera. Contemplando-o por instantes, murmurára:

— Não te mato porque tambem estragas as sussuranas e allivias os campos, sinão pagarias bem caro a vida da mãe deste veadinho que enguliste.

E, desprezando-o de novo, saltou-lhe as roscas: elle continuou impassivel.

— Não temos tempo que perder, não é assim, meu veadinho? Celinha ficará muito contente.

E aquella creaturinha, como se comprehendesse a linguagem de ternura, em troca dos beijos e affagos lambia as faces de Angelo.

Uma canção sonora accordára a floresta: trovas innocentes, sahindo-lhe do peito, repassadas de saudades e saturadas do nome de Celinha, que os ecos dessas brenhas repetiam fielmente.

No dia seguinte, quando a manhã surgiu nos horizontes de uma rosea madrugada, dois meninos, um alizando uma vacca de leite, outro acorado ao pé desta, riam-se de gosto, vendo um veadinho a chupar lestamente as têtas.

A' tarde fôra Angelo buscar o galho das flores promettidas.

VII

Como é bello o tempo de criança!

Symbolo das cousas santas que nas maiores dilacerações do espirito nos movem com scintillações vagas de celestial perfume, como se de um ser que em nós existiu, ellas, — aligeras revoadas — saudosas do seu exilio, vêm á moradia d'outr'ora para dizer-lhe inda uma vez adeus!

Depois, d'esse velho pardieiro da vida de novo batem as azas!... fogem, vão-se embora, atravessando o espaço, além das brumas das florestas, dos visos dessas serranias do destino, muitas vezes para nunca mais.

Parece-nos tudo isto que o peregrino d'este mundo é um misto de prantos e de esperanças, um calice fresco, aberto e vivido; trescala e sonha com a brisa que venha sorver os seus odores.

Angelo e Hercilia não gozam mais d'esses encantos dos primeiros dias da existencia, albores da mocidade infantil.

Distanciavam-se tão risonhas plagas.

Chegára a época em que os prismas da realidade se approximam da morada do ser, moldado para leis moraes e naturaes, embora debalde o sol os illuminasse por dezoito annos.

Por esse tempo já não existia o bom Leandro, que, tolhido pela morte, cahira repentinamente um dia á porta ao chegar do campo. Soffria uma lesão cardiaca.

Muito sentida pelos vizinhos essa morte, acompanharam-no com verdadeiro respeito á morada ultima dos justos.

No cemiterio do campo, em cima de humilde sepultura, plantou-se singela cruz em memoria do amigo.

Na arvore vizinha a essa mansão tambem foi gravado o mesmo symbolo.

Nessa hora de angustias alli se achava toda a familia Leal. Angelo e sua mãe consternadissimos! Nenhum lenitivo!

A muito custo Lucinda e suas filhas puderam retirar a desolada viuva do sepulcro, onde se ajoelhára.

Abraçado á cruz, soluçando, e na mesma attitude, Angelo nada via do que se passava em torno.

Approximou-se d'elle Hercilia.

— Anjinho? Vamos?

— Não, Celinha! Deixa-me ficar aqui.

— Não! Não fiques, não deixo. Vamos! Anda, Anjinho! Caminha! murmurou ainda com voz chorosa.

— Vamos, meu filho! Coragem! muita coragem! disse Leal, tomando-o pelo braço.

E retiraram-se.

Depois da morte de Leandro, Angelo, já pratico e perfeito conhecedor de todos os serviços vaqueanos, de accordo com sua mãe, tomára conta de toda a criação do fazendeiro, que para esse fim o havia convidado, já firmando com elle um contracto.

Assim, garantido o arrimo para si e sua mãe, com toda a actividade se dedicára ao trabalho, e tal sorte que por aquelles sertões somente se falava nas façanhas do vaqueiro do Capitão Leal.

A fama, assim, andava de bocca em bocca.

O rapaz herdára de seu pai todas as qualidades; crescera, vendo o exemplo do trabalho, seus perigos e seus frutos.

Era assim que ninguém escalava uma selva com tanta facilidade como elle, nem tão pouco, saltando precipícios, sabia escaramuçar bravios touros, ou leval-os de vencida, mesmo enfesados á porteira do curral.

As epochas de vaquejadas no tempo de Leandro eram frequentadas por vaqueiros vizinhos e particulares, atraídos pela noticia da bravura do — raio do campo — como chamavam ao menino Angelo.

Velhos pastores haviam-no experimentado em arriscadas empresas como uma lição a mais.

Leandro empraizeirava-se n'essas occasiões; fôra o mestre de seu filho, e n'elle confirmavam-se todas as esperanças de vel-o um dia homem de bem.

A morte tirou-lhe este gosto, para deposital-o na urna sagrada do affecto — o coração materno.

Na verdade Anna exultava com os elogios a seu filho, e este filho amava apaixonadamente sua bôa mãe.

Uniam-nos tanta innocencia e simplicidade que chegavam a brincar — mãe e filho — quaes duas crianças.

O filho procurava adivinhar-lhe os pensamentos e afugentar-lhe do espirito todo e qualquer desgosto.

A mãe dava-lhe bons e salutaes conselhos, lembrando sempre a norma de vida de seu pae.

— Os negocios do senhor Capitão, meu filho, nas mãos de teu pae prosperavam muito.

E' necessario que faças o mesmo. Zeloso e diligente quando puderes, que os favores que devemos, não se pagam nunca.

Hoje, no mundo, só tens por ti tua pobre mãe. Já de nada valho, não para guiar-te, enquanto me fores obediente.

Estou bem perto de seguir o caminho de teu pae: preciso, como sabes, de ora em diante de tudo. Para o que é bom, é necessario ter independencia e trabalhar muito, portanto.

— Sim, mamãe! eu lhe prometto tudo isto; Mãezinha hade ver, respondia Angelo.

A morte tem suas variantes.

Rapida transformação operara-se no animo e costumes do jovem vaqueiro.

De posse do novo cargo o destemido rapaz teve que seriamente lutar, percorrendo mattos dias inteiros, leguas e leguas, sem descanso.

De oitenta bezerros era a “colheita” annual; pelo que a lida dia a dia se tornara insana, incessante.

Os prejuizos occasionados pela mortalidade dos gados não o assustaram pela constante vigilancia.

O que promettera á mãe cumpria á risca.

O capitão Leal andava ufano com o “seu vaqueirinho”, como o apellidava.

Um dia um boiadeiro appareceu por este bairro, e uma partida de gado foi contractada com o fazendeiro.

Angelo, logo avisado, convidára, sem demora os collegas vizinhos para ajudal-o, e partira.

VIII

Era um domingo á tarde.

Divertindo-se pelos campos, passeavam as filhas do Capitão Leal: tinham este velho costume, ora em companhia dos paes, ora de Anna, de Angelo, ou de algumas amigas dos arredores, quando em visitas.

Nessa occasião, porém estavam a sós.

Havendo muita fruta da chapada, levaram balaíos e, com a alegria propria dos annos, apanhavam aqui e acolá saborosas mangabas, muricys e outros sylvestres pomos da prodiga natureza.

Entretidas foram-se distanciando de casa muito e muito.

O sol baixára no horizonte, e, sómente quando alguns laivos de espessas sombras, precursoras da noite, mosqueavam a selva illuminada dos pindahybaes d'alem, é que se lembraram de voltar, e de ser então bem tarde.

Andreлина, que era a mais velha, gritava pelas irmãs entretidas á beira de uma fonte pouco distante, colhendo uns boritys maduros que encontraram cahindo de enorme cacho, e, porque não se importassem ou não ouvissem (que era o mais provavel), de lá não se demoviam.

— Vamos, gente! Amelia! Celinha!

— E' muito tarde! Vamo-nos embora! continuava Andreлина.

Nesse instante um rumor surdo, longuinquo... quasi imperceptivel soara valle em fóra.

Andreolina como que ouvira; prestando atenção, nada distinguira mais que o fragor da tarde.

Mas, um pensamento sinistro passou-lhe pela mente — a vaquejada!

— Será possível? murmurou consigo e muito afflicta já.

Segunda vez o mesmo fragor mais distincto; ella não hesitara, correndo á fonte.

— Amelia, Celinha! Salvemo-nos, minhas irmãs, ou estaremos perdidas! A vaquejada!... e apontava para além das brumas dos serrados.

— E' o que, Sinhá? disse Amelia, rindo-se.

— Si é? Não te rias, minha irmã! Escuta, moça!

— Ora, você está com medo. Eu também ouvi: são vaccas de leite que descem para o curral. Quem não está vendo isto?

— Demais que tempo ha para reunir tanto gado e longe d'aqui com os difficeis logradouros desta fazenda e em dois dias?

— Eu mesma ouvi Papae dizer ao boaidreiro, antes de partir, que o gado de venda não era muito manso, pelo que teria de ajuntal-o com diffculdade.

— Todavia, elle affirmára que em quatro dias estaria reunido o do contracto.

— Sim, Amelia! que tem isto? Esse gado não pode ser reunido por parcella?

— Jesus! disse Hercilia, meu Deus! Virgem Nossa Senhora!

Com efeito, rolando, tombando pelo pendor do valle, chegava até alli esta rude, mas sonora estrophe, viva e apaixonada:

O! lê! lelê! lelê!

Meu boi bonito, salvação,

Arisco, espacio, boi colonho,

Perigoso pintado do sertão.

A duvida infelizmente fôra substituída pelo terror de perigo inevitável.

A vaquejada vinha desfilando nos flancos da chapada e não tardaria muito descer á campina.

Cuidando em salvar a vida, as meninas deixaram os balaies, e, correndo em rumo de casa, piedosamente gritavam, pedindo socorro.

O medo emprestava-lhe azas.

Amelia e Andrelina, mais fortes e ageis do que Hercilia, tinham-na deixado a bôa distancia, avistando já a casa onde não tardariam a chegar.

Hercilia, forçada pela violencia da carreira, redobrava de esforços, mas, fatigada, ia gradualmente perdendo as forças.

Uma dor aguda accommetteu-a do lado esquerdo, a ponto de parar por vezes a marcha.

Nesse interim uma columna de poeira avançara sobre a campina, e agora, a descoberto toda a vaquejada.

A canção soava ainda harmoniosa e terna.

O gado do sertão conhece a voz do seu vaqueiro, quando esta se eleva orgulhosa qual idyllo santo.

Familiarizado, elle a escuta, commove-se ao sentil-a e accomoda-se, ora a passos lentos por ingremes caminhos, ora mugindo a trote por logares que desconhece e mostra querer evitar.

Manso, toma alento: pula, corre e brinca; bravio, torna-se medonho: escava a terra, arremessando-a ao espaço, muge ao deixar os campos nativos.

E tal era esse, que agora, vendo-se mais desafogado em ampla campina, mostrava-se inquieto.

Certa desordem manifestou-se logo; e, embora cercado por todos os lados da mais acurada vigilância, todos temiam um rompimento qualquer.

Ora, apertava-se de um lado, ora acudia-se do outro, mas, debalde.

A agitação nervosa de espanto e ferocidade apenas era contida pelo aboiar do vaqueiro mestre, cuja voz soava cheia de mysterioso quebranto.

O presentimento e a confusão que a todos dominavam, convergiam todas as atenções para aquela melindrosa situação: qualquer descuido poderia ser fatal.

E um perigo ainda maior se desenhava ao longe e ninguém dera por fé.

Ouvia-se um gemer comprido, propagando-se dolorosamente pela campina, qual um tremor subterrâneo em dia de catastrophe.

De repente, sem se saber como, grande massa de pó em visão infernal levantou-se da boiada, disparou, ganhou terreno, levando consigo o raio da ira e da morte.

— Socorro! socorro! Salvem minha filha, meus amigos, salvem-na! gritou o capitão Leal, deixando cair das mãos sua aguilhada.

Todos empallideceram; petrificados de terror e ao mesmo tempo de compaixão, quasi desviavam os olhos daquela scena. Nem esperanças! Era tarde. Andreolina e Amelia, salvas, chegavam á casa, donde gritavam em lamentosa afflicção.

— Jesus! Jesus! Meu Deus! Corra, Celinha! Corra, Celinha! A estes ais, outros ainda mais lancinantes — os de Dona Lucinda e Anna.

— Acudam, acudam, acudam minha filha! Santa Virgem!...

— E meu filho não está vendo isto!?...

— Meu filho, acuda Celinha, meu filho!

O espectáculo era supremo e triste.

Só Deus poderia operar um milagre.

O touro mais valente da vaquejada illudira toda a vigilancia.

Hercilia, irremissivelmente perdida!

O terrivel monstro alcançou-a.

Já não podendo correr, a pobre menina vê de relance aquella sinistra fêra, que, tomando proporções colossaes, não corre, vôa; parece ter azas e vem perto, muito perto já.

E, pomba attrahida pela voragem, violento arfa-lhe o seio, fogem-lhe as pernas, não tem forças: e, nada mais encarando senão o impossivel, julgou-se morta.

O terror desta certeza invadiu-lhe o coração, e, para mais não vêr, fechou os olhos; zumbiram-lhe os ouvidos e, desfallecida, rolara na campina, no momento em que os cornos do fero touro iam feril-a para sempre.

De seus labios a viração da tarde tomara esta supplica, que só uma vez repetia: — Anjinho!

Uma sombra escura como um véo de desgraça toldara o fundo d'essa scena.

Nesse momento ouviu-se um guincho espavorido e, depois, um mugido medonho, um ai de dor por um montão de ruinas.

Pavorosa trovoadá soava matto em fóra: o gado impossivel de ser contido, arrancára de carreira, volvendo aos carrascaes.

Passado o furacão que todo elle cahira a um tempo só, todos correram ao logar da catastrophe de angustiosos momentos.

— Forte infelicidade! exclamára o fazendeiro, apeando-se e levantando do chão o corpo inerte de Hercilia.

— Que desgraça me estava reservada neste dia! Hercilia? Hercilia? Hercilia... minha filha? E sacudia violentamente a moça.

— Leal?... e não concluíra. Lucinda, alli chegando, cahira sem sentidos.

— Sr. capitão! meu filho?!... soluçava Anna, ajoelhada ao lado de Angelo, inerte, banhado em sangue.

Leal, fortemente commovido, de novo deitára sobre a relva o corpo da querida filha e desatou em pranto, ao mesmo tempo apertando vivamente a dextra de Angelo que, como morto, ali jazia aos pés de Hercilia.

Tinha o lado direito varado por um estilhaço da aguilhada, com que abatera a sanha do terrível quadrupede, no instante em que vira perigar a vida de Celinha.

O cavallo, ferido ou estripado desastrosamente na luta, acabava de expirar.

— Nunca assisti em minha vida a uma scena tão triste, qual a que estou testemunhando, murmurava o boiadeiro, que tambem acompanhava a vaquejada; que moço extraordinario, admiravel e valente accrescentou elle, apalpando-lhe o coração.

— Na verdade, exclamam todos os vaqueiros consternados; é admiravel mesmo!

— Vive ainda? indagou Leal ao boiadeiro.

— Sim, senhor. Está vivo.

E ninguem podia conter as lagrimas; todavia, aquellas palavras esperançosas valeram muito.

Verificou-se tambem que a moça não estava morta, posto que muito pallida mostrasse certos e inquietadores signaes, e da fronte escorresse copioso sangue consequente á formidavel queda.

Sem demora foram os feridos transportados para a casa nos braços daquela gente toda contristada.

Serios os presentimentos.

Dona Lucinda, voltando a si do delirio, caminhava ao lado dos infelizes, amparada pelos seus filhos.

IX

Raios de sol de uma tardinha, atravessando os visos dos matagaes, projectavam morna e rubra luz, entrando por uma janelinha praticada no oitão ao lado do poente. Era um quarto, e n'esse um modesto leito sem cortina, onde descansaram Hercilia.

Suave claridade batia-lhe em cheio, illuminando o rosto enfermo, muito roxeado pela ferida; nada de bello ou de formoso, mas, naquella golfada de sol refulgia docemente.

Dir-se-hia a imagem de santa martyr.

Os grandes olhos estavam cerrados; raro moviam-se inconscientes, quando era forçoso tomar remedios, ministrados com ternura por sua mãe.

Negras e compridas tranças desciam além da graciosa cintura em pleno desalinho; a respiração era umas vezes regular; outras, porém, agitada e penosa, qual si presa de tenebroso pesadêlo.

Chamavam-na, mas nada respondia.

Ouviam-na gemer; seu estado inspirava receios, mas os esforços empregados por seu pae a todos animavam.

— Não é nada, minha gente! Coragem!

— Isto ha de passar, dizia o fazendeiro; tenho mais dó do meu pobre Angelo.

E curvava-se em meditação profunda, suspirando e correndo ao quarto do enfermo.

Algumas nuvens, tomando forma de montanhas, levantavam torreões nos horizontes; fogo de longinqua peleja latejava dentro desses castellos aereos a chamma fulva do relampago, e um trovão surdo e sonoro sacudia a terra.

O gado do curral e dos agrestes, farejando o espaço, atiravam para bem longe do valle saudoso e prolongado mugido.

Hercilia despertára nesse momento.

Olhando em torno, e vendo-se cercada de sua mãe, suas irmãs e mais pessoas da vizinhança que choravam, perguntára com voz muito fraca:

— Que é isto? onde estou, mamãe?

— Nada! sossega, minha filha!

— Anjinho!... onde está elle?

— Está bom, está aqui minha filha! Dorme um pouco, dorme! Doe-te alguma cousa?

Ella olhara ainda e, duvidosa, cheia de espanto:

— A vaquejada!... o marruaz!... murmurara, cerrando bastante os olhos.

Subito, uma rajada forte, estourando do lado dos brejaes, d'alli espantára agourenta cauã que, tomando o vôo n'uma gargalhada agreste, atroára os ermos, passando por cima da casa em lamentosa e pausada cantinela:

— Acuã! Acuã! Acuã, e se foi além.

— Rah! Rah! bradara uma arara espantada, empoleirada ao caibro perto do oitão, e que com vóz grossa e emballada gritou a medo:

— O' Celinha?...

— Anjinho? respondera Hercilia, abrindo novamente os olhos e depois adormecendo profundamente.

Estava salva.

Grandes nevoeiros despejavam bastante agua nos horizontes em forma de tormenta.

Columnas de vento zuniam no espesso mattagal.

Via-se Angelo em um aposento vizinho, deitado em um catre, cujo colchão mostrava grandes manchas de sangue.

Melindroso o estado, ninguem duvidara de uma consequencia funesta.

Descobrira-se-lhe a parte superior do corpo afim de facilitar a cura.

Naquelle tronco musculoso desenhava-se feia e larga ferida ao lado direito, e por algumas contusões distinguiam-se fracturas de costellas, assim como grandes arranhões no braço correspondente e na cabeça.

Ah! um verdadeiro desastre; e, segundo o fazendeiro, na verdade um dia aziago. Felizmente não era um desanimado.

Para salvá-o, empregára todos os recursos de que dispunha e, quasi com a certeza de bom exito, auxiliado diligentemente pela cuidadosa e bôa mãe do rapaz.

Chorava esta em silencio e muito resignada.

— Nada de receios, senhora! Seu filho está grave, mas não para morrer assim depressa, embora tenha perdido a fala e os sentidos.

— Não é para menos: porém, tenhamos fé.

— E' moço ainda e vale muito isto.

Com effeito, decorridas longas horas em porfiada lucta entre a vida e a morte, o enfermo dera profundo gemido e nada mais.

— Que te dóe, meu filho? perguntou Anna.

— Angelo? chamou o Senhor Leal.

Elle nada respondera.

Dir-se-hia ser aquelle suspiro o ultimo da vida.

Os vaqueiros murmuraram baixinho:

— Não amanhece. D'ahi só pro barro. E' um defunto.

Na verdade parecia quasi morto.

X

Uma aurora côm de fogo lançava primorosos fulgores pela
immensidade azul dos céos, após aquela noite.

A tempestade que ameaçara a fazenda, cahira com fragor
pelos arredores.

As aguas das veredas, sujas e grossas, transbordavam ao pé dos campos,
tão abundantes as enxurradas despejando-se dos grotões.

Densa luz do sol rutilava, aquecendo a monotomia de ladeirões de terra
vermelha, ondeados de relva verdejante.

Perfumadas auras suspiravam, vindas de regiões florentes, enredando-
se no arvoredos, onde ociosos os ninhos pendurados se embalavam.

E colméas da floresta, ventos das ramagens, passarinhos dos prados e
vargados alegres enleavam-se; e esse canto, esse zumbido, essa calma, isso ecco,
eram flores d'alma, aromas de odorantes calyces á margem dos ninhos frescos,
humectados do rocio santo das madrugadas, um transumpto ideal do belo e do
sublime, quando nessas ignotas solidões a natureza, só ella, sabe symbolizar
amoroso consorcio.

A atmospheria estava lavada e pura, como a roupagem bella de uma
fonte, quando nella se reflecte o azul do céu.

Ha momentos em que nos parece ouvir um hymno, que a natureza
entôa: a noss'alma exulta, o mais humilde ser sente-se bem.

Melodioso sabiá trinava nos galhos d'uma goiabeira, donde ora voava espantando e bravio para o coitezal.

Alli acabava de chegar alguém:

— Hercilia...extremamente palida, triste... pensativa.

Trazia na fronte ainda os signaes da contusão da vespera.

No tronco em forquilha da umbrosa myrtacea apenas se sentára, — sahindo do fundo escuro do laranjal, viera de carreira a cabriolar um veadinho, se poz a roçar mansamente sobre os joelhos da senhora, muito alegre, muito festivo, lambendo-lhe as delicadas mãos.

Ella, como fóra de si, numa especie de inconsciencia, affagava-o, alizando-lhe o macio e fulvo pello, e o animalzinho agachava-se até deitar-se a seus pés.

Nesse interim, voando de sua gaiola de pau, pousa-lhe no ombro seu papagaio em amorosa tagarellice.

— Cila? meu louro? meu cravo? coitado! Cila? Yayá, dê cá um beijo. Arre! Papagaio é cachorro? Papagaio é moço de bem. Arre!

E toda essa doce arenga esvaía-se como fumo.

Em certas horas esse mundo parece-nos não existir.

Repentinamente a face de Hercilia cobriu-se de um rubor celeste e por ella foram-se escorrendo lentas, vagorosas, duas grandes lagrimas, — duas perguntas e duas respostas, sem palavras, de uma amargura profunda, de um coração que se despedaça.

Amor de irmão!

Todas as recordações dos tempos idos, condensadas em seu espirito, voltavam agora rejuvenecidas e sensiveis, quaes flores mysteriosas de peregrinas primaveras.

Dias de criança, animados, vivazes, cheios de graças — fogo de outr’ora — reaccendendo em scentelhas o livro d’alma — alado enxame á cata de perfume e de rosas da haste vicejante.

Illusões queriam mas ilusões e com esse espirito sempre novo, forte, dominante, zumbiam em torno da candura virgem.

E tudo isto lhe perguntava:

— Elle viverá?

E a fatalidade como que respondia ao longe:

— Elle morrerá.

No atordoamento d’essas idéas, tão insistentes quanto martyrizantes, sem que desse por fé, alguém pousou-lhe a mão no hombro:

— Celinha, meu filho te chama.

— Eim? chamando-me? Que dizes? chamando-me?... Eim? Está vivo?... Elle não morre mais? Não morre mais? repetiu Hercilia, correndo, voando como louca ao quarto do enfermo.

— Anginho?! balbuciou ella, chegando com voz tremula entre a dor e entre a alegria, sem mais poder falar.

Ecurissima sombra passou-lhe deante dos olhos.

Eram lagrimas abundantes que, sem querer nem saber, cahiam-lhe quatro a quatro.

Nenhuma pessoa, além de Anna, n’aquelle instante.

Os homens, desde cedo, por alta necessidade, tinham voltado com o fazendeiro aos trabalhos da vespera.

O boiadeiro, este havia partido já, adiando-se para mais tarde o cumprimento do contracto.

A família entregára-se a outros mistéres caseiros, enquanto o enfermo ficava sob os cuidados maternos.

A pobre Anna, confiada no tratamento e esperanças do Senhor Leal, logo que viu realizar-se a melhora prevista por este, sobressaltou-se de alegria, no momento em que seu filho chamára por Hercilia, e, mais ainda, ouvindo-o falar:

— Celinha... és tu? Ainda... não... morri... Sinto... muitas... dores... mas...

Isto disse, com voz muito fraca e abrindo lentamente os olhos amortecidos.

— Oh! Anjinho, não morrerás. Tenho fé em Deus. Estou aqui.

E, tomando febrilmente a mão do enfermo, uniu-a ao casto seio, repetindo:

— Não morrerás. Quero que vivas, ouviste? Eu te peço. Tambem tu não sabes: soffri muito, muito... muito!...

E desatou em pranto.

Angelo deixou-se enlevar naquella ternura do coração.

Quiz falar, fez um esforço, e a chaga do peito começou-lhe a verter sangue vivo: a fraqueza era extrema.

Anna, enternecida áquella scena tocantissima, e prevendo algum funesto contratempo, procurou retirar Hercilia; mas a recusa foi formal:

— Não, mãe! não me retiro d'aqui, succeda o que succeder.

Nada me peça: não lhe obedecerei!

Debalde insistir.

Hercilia nunca soubera o que fôra amor, e agora amava, amava muito, amava como nunca, quasi infinitamente, e só agora o sabia e sentia em toda a plenitude de sua alma de virgem.

Quando das azas do infinito corusca uma scentelha sagrada para as estancias finitas, quantas chamas deslumbram o mundo no seu eterno equilibrio?!

Por toda a parte a sabedoria divina firmou n'ellas seu imperio, dos céos á terra, do firmamento ao oceano, da estrella ao verme, da pedra da montanha ao pó do valle, tornado em casta e formosa flor. E, porque fosse o espirito sua obra fundamental nelle o fogo mais se intensificou: — o amor, o *fiat*, a flamma, a lava increada, ardente, imprevista, impetuosa, consumidora, inextinguivel, rompendo em cratera que se ateia, alaga, devasta, queima e não se apaga, sinão depois de cinza e nada, evolvendo ao elemento donde procedera.

E eis a que de um instante para outro se reduzira o coração de Hercilia.

XI

Dois mezes decorreram depois d'esses acontecimentos.
Por felicidade Angelo se salvára.

A crise fôra de não se esperar que se levantasse; valia-lhe, porém, a constituição de moço e consideraveis melhoras resuscitavam a um defuncto.

Muito contribuíra a dedicação de Hercilia junto aos cuidados maternas e aos de sua familia.

Durante os mais perigosos momentos, jamais abandonara a cabeceira do doente, velando noite e dia.

Todos notavam essa fidelidade muito justificada.

Demais, a intima confiança entre as duas familias dissolvia qualquer duvida que houvesse ao lado de uma divida sempre nova, de ternura e gratidão.

Um céu de felicidade, portanto, experimentava o enfermo, todas as vezes que aquellas mãozinhas de anjo approximavam de seus labios resequidos de febre a colherzinha de caldo confortante que gostosamente absorvia.

Ella de cousa alguma se esquecia, proporcionando tudo o que pudesse distrair-o.

Com transporte ineffavel alli mesmo costurava, ora cantando, ora conversando.

Angelo, todo reconhecimento, confessava-lhe a caridosa solicitude.

Um dia Hercilia notára que um gemer surdo de vago se perdera em seu peito.

Suspirara também.

Abrira a bocca para contar-lhe confidencialmente todo o seu amor, todas as dores e vigílias; mas no supremo instante a palavra a proferir saíra, por assim dizer, de outra côr que nunca tivera em mente.

E é bem assim.

Não ha phrase que verdadeiramente o exprima.

— Que tens, Anginho? Dóe-te ainda alguma parte? E' a ferida do peito?

— Não, Cila! nada tenho.

— Falta-te alguma cousa?

— Também não!

E calava-se.

Ella, evitando-lhe o olhar, retirava-se por instantes.

Logo que Angelo poudo andar, e o clima pouco e pouco lhe devolveu a saúde, Anna convidou-o a agradecer a generosa caridade daquela familia.

Era tempo de retirar-se para que não fosse um abuso a hospitalidade.

Sabida esta resolução, foi geral o descontentamento.

Apresentaram justissimas razões; mas as de Anna, mais convincentes, cederam, não de bom grado.

— Ora, estamos tão perto, accrescentava a bôa senhora, que quasi podemos dizer de paredes meias.

Ainda assim, ponderaram-lhe que o rapaz não se restabelecera de todo; mas a persistência, sempre humilde, vencera por fim.

Uma partida é um pesar.

A convivência nos cria um como ser estranho, tomando muitas vezes parte em nossa existência feliz, ou infeliz.

O espírito é um pomo; e no jardim do amor há chamas que devoram sem consumi-lo.

Quem parte, parte-nos.

Uma punhalada de dor varara o coração de Hercilia, quando viu que seus amigos naquele dia se retiravam.

Indo ao quarto do enfermo, encontrara-o arrumando alguns móveis.

— Que é isto? Como assim? Então nos deixa tão cedo?

Estas perguntas tinham tanta ternura, tanta unção, eram tão suaves, que Angelo, interrompendo o que fazia, acobalhado de tristeza, estremeceu qual se despertasse de um sonho. Um raio misterioso fendeu-lhe o coração, ganhou-lhe a alma; onde, pois, a resistência?

Era tarde. Quiz falar a Hercilia... Já não estava.

Procurou-a até o corredor.

Desaparecera.

O rapaz perdeu a cabeça; voltando ao quarto, cambaleando, encostara-se ao catre em desatado pranto.

Oh! nunca soubera que amava, nem o que era amor.

Amava, então, a Hercilia; amava-a agora, com febre no coração. Amava-a muito, muito, com uma paixão de morte.

Pelo fundo da casa, ouviam-se vozes de despedidas, de satisfações, de agradecimentos.

Angelo não pôde recuar.

Enxugando as lágrimas, partira, beijando as mãos de seus bemfeitores com todas as demonstrações de sua alma.

Quiz saber de Hercilia e não teve coragem.

Ao passar pelo estacado, proximo á janelinha do oitão occulta no jasmineiro, vovera para lá os olhos num adeus.

Aquellas alvas e cheirosas flores alcatifavam o verde-escuro da folhagem que se movera.

Angelo empallidecera.

Alli estava Hercilia, occulta, de joelhos, abraçada ao pescoço do seu veadinho, mordendo-o depois insensivelmente, nervosamente, em um transporte de pranto.

O veadinho dera um salto, e, sem fugir, cabriolava de meiguice e innocencia.

E, como si tivesse elle o dom de responder, ou de entender magoas lancinantes, queixou-se Hercilia ao irracional, de novo alizando-o, toda arrependida:

— Meu veadinho! perdôa-me; si tu soubesses...

E, levantando-se, foi, occulta pelo laranjal, acompanhando Angelo e Anna, até que se sumissem ao longe... no caminho.

O palmeiral scintillava no painel da vereda em uma ondulação suavemente agitada pelas auras do lá-lá-lá dos leques; e, á luz clara da tarde, banhando os matagaes, casava-se com o tinar da aves, nessas horas silenciosas do ermo, onde, em murmúrio, torrentezinhas dos montes, de pedra em pedra desciam crystalizando-se nos paues.

E o dia findára.

Ao entrar do sol rubras nuvens crepusculares desabrochavam no céu, descorando-se depois em roxas e saudosas tarjas d'uma nostalgia divina.

Bem talvez que por lá, onde sómente libram os seres do firmamento azul, leves ruflassem as azas esparsas e estellíferas do anjo da soledade...

Extensas e ultimas sombras iam trepando pouco e pouco as eminencias das ladeiras côr de sangue.

A carobeira do valle abria as sanefas rôxo-azues de seu sagrado calyce, e as flores côr de ouro das carahybas se derreavam languidas ao sopro da viração.

E alguém tinha os olhos fitos na penumbra radiante da natureza livre e bella.

Angelo! fôra a visão d'aquellas lagrimas de Hercilia.

Em toda a parte ella, chorosa e supplice: nos céos, na terra, na flor do campo agreste, nas hyalinas fontes, no trinar das aves, na voz dos ventos, na brancura fosca do areal da estrada.

Nunca, nunca tão linda, sympatica, tão formosa!

Attractivos havia-os na natureza; porém sem ela, vazia se tornava toda a terra.

E Hercilia nunca sonhára com formosura alguma, porque em tenros annos jámais a possuira.

Morena, vigorosa e de mediana estatura, a irradiação da virgem deslumbrava apenas como a innocencia, longe da grosseira idolatria da humana vaidade.

Para Angelo, que se parecia com ella, até mesmo em costumes, encerrava todos os thesouros. Pensamentos, aspirações, toda a sua vida pertenciam-lhe: — escravo d'ella, della sómente, desde o instante do primeiro amor.

Bem longe, quão diferentes os tempos de criança, do amor angelico em duas flores unidas, acariciadas pela mesma brisa sem cuidados d'alma!

Só o céu de outr'ora sorria virgem ás sombras das palmeiras. Ai! tudo se mudára.

A torrente forçara o dique, avassalando esses seios castos, vazios, mas abrasados.

Amavam-se. Já não era sonho.

Um raio de luz os envolvia em um noivado de purpura.

E o sol havia entrado.

E a correnteza da vereda sussurava ao longe nos pindahybaes, e, tempos depois, o ciciar da brisa crispava as folhagens adormecidas na solidão da noite.

XII

Subia da terra uma d'essas calmarias enlugaradas do sertão.
Mez de setembro.

Cinzenta atmosphaera condensava-se na immensidade celestial.

Florestas negras, ressequidas ou torradas, pareciam mumias abandonadas á espera do orvalho santo da nova estação.

Tempo das queimadas!

O fogo ateado aos campos devorava as relvas montezinas e as folhas seccas despedidas das arvores pelos vento de outomno.

Rolos de fumo levantavam-se espessos dos flancos do horizonte.

Aqui e acolá, no pardacento fundo do céu, como em um espelho, pavorosos incendios rubros reflectiam-se.

Nenhuma lufada suavizava os brejaes, cuja agua tepida se cobria de uma especie de nevoeiro.

Um calor insupportavel entorpecia até os brutos armentos, estirados pela terra quente e crespa dos alpestres, ou na humidade vaporosa de pantanosas ribas, onde, por vezes, sendo o frio perenne, ainda assim o ar era pesado e morno.

As ultimas folhas tombavam com ruido do cimo das arvores e os frutos das leguminosas estalavam na ramagem das caatingas.

Nas noites desse mez a lua apparecia já bem distante do horizonte, quasi ao meio do céu.

Seu distico tingia-se do rubor de uma brasa viva.

Então era facil medir-se a espessura dos nevoeiros de fumaça, elevando-se uns em negras torres, acamando-se outros nos pincaros das montanhas.

Mais tarde, frouxos e brancos raios de luz por uma claridade phantastica rompiam a custo este sendal funereo, trazendo dos longinquos centros dos mattos saudosos carmes de aves.

Arias ternas e peregrinas soavam melodiosas de barrocas, ravinas e perambeiras sulcadas de sonoras resteas...divinas.

Faziam côro o coaxar dos reptis nos charcos e barrocões e as notas estridulas dos caliangús nos prados.

O mãi da lua, voando de tôco em tôco, confundia seus ais humanos com o gemer das emas nas profundezas das chapadas.

Da natureza subia um doce incenso qual uma oblata para o infinito.

As scentelhas dos incendios desciam de longe, sobre as aguas, o capim secco e folhiços, abrasando-os nos pindahybaes, onde a macega e o sassafráz, queimados, perfumavam os ares.

Marulhava o pequeno lacrimal, entre quebradas de collinas para o esteiro do paul, e clareiras d'aguas mansas reflectiam no liso espelho as tochas caudatarias das estrellas.

Bem tarde já.

Reinava o soldo das horas mortas.

Vozes noctivagas esmoreciam nas pousadas, a lua resplandecia, desferindo argenteos raios, e os astros crepitantes tombavam nos roteiros d'alem.

Subito palmeiraes e florestas estremeceram ao deslizar de lufada ardente, qual um vento feral a perpassar.

Seriam azas d'algum genio?

Sel-o-hiam talvez, porquanto tudo recahia em silencio, como si alguém houvesse proferido uma prece intima.

Oh! quantos segredos d'alma entrelaçados na serenidade do infinito?!

No immenso espaço vagava o anjo da solidão, tonto de eternas vigílias, nesse mar de luz, de brancura e poesia, nas alfombras azues do firmamento, nas divinas nebulosas dos céos.

Nos tombadores do valle os guarás (lobos selvagens) uivavam de espaço ao tintilar de insectos sob a relva estrellada de ledos pyrilampos. Os sucrujubas, esses negros serpentões dos pantanos, roncaram pausadamente, emquanto da espessura tenebrosa desses eternos lodaças phosphorescentes crepitavam os fogos fatuos sobre os nenúphares.

Aos estridulos das cigarras, de vez em quando surdo rugido sacudia a terra ou confundia-se com um echo ao longe.

Eram as onças bravias nas frogosas luras das chapadas, ou nos brumosos areaes, brincando, saltando, inebriadas, enamoradas, tentando embalde escalar os céos para tragar a lua.

O echo que a viração trazia, e depois levava, era o estrondo da cachoeira dos Pandeiros por duas leguas distantes.

Uma ave desconhecida, rasgando o espaço num estridor de azas vertiginosas, chegára á grande altura, e, depois, voltando de chofre ao logar donde partira, acordava o deserto com espantos expressivos:

— Rola páu! rola páu! rola pau! até tocar a terra, e calava-se para recommear ainda.

Mas, em breve, uma onda de alvorada appareceu no levante.

Quantas noites, como esta, de mocidade e primaveras que não mais voltarão!

A torrente impetuosa do tempo tudo leva, tudo arrasta.

E' do destino das cousas da terra; e a creatura, synthese sublime da natureza, entrevê apenas uma nesga de luz atravez da espessa nuvem desse limbo da existencia, extinguindo-se na penumbra.

Um dia, uma aurora accendera a pouco e pouco a bruma santa do ermo.

Rôlas nos prados gemiam e as juritys lavavam-se na fonte.

Da banda das catandubas as seriemas cantavam; era o mesmo que ouvir-se uma clarineta a soar pelos “geraes” no galho secco ou derreado d'alguma encruzilhada.

Pintasilgos e canarios trinavam docemente debicando sementes de rosas e alface nos canteiros do pomar, e macaranãs forasteiras celeres baixavam de ignotas regiões sobre cachos de boritys, roendo-lhes a appetitosa polpa.

Pegas, jandainhas, sabiás, passaros pretos, azulões e outros casavam os seus cantares.

Perequitinhos verdes, lindas joias de esmeraldas, faziam bulhas nos mamoeiros.

Tudo encanto; e a illusão — franja dourada do arrebol do amor.

E alguém olhava para esse quadro com tristeza inexprimivel á isolada sombra de tenro cajueiro.

Tinha a fronte muito pallida e que de vez em quando corava pendida para o chão, porque chorava, e porque, contrita e quasi de joelhos, aquell'alma dolorosamente exclamára:

— Ah! meu Deus! Perdoai-me, meu Deus!

E bello e sereno estava o céu azul dessa aurora de tantas flores e perfumes.

O prado, o palmeiral, a fonte rumorejavam no ar em fóra:

— Tu serás mãe!

E como que a natureza repetia tambem estas palavras.

Ao mesmo tempo um cavalleiro pensativo, parado no mais alto dos montes d'aquelles campos, por largas horas contemplava a casa da fazenda á margem da vereda rutilante de sol.

Era tarde e o perigo, imminente.

XIII

Hercilia transviara-se. Desfolhara-se a formosa grinalda de seus sonhos de virgem. Dia para dia manifestava-se lhe a natureza, denunciando-lhe a falta commetida.

As semanas correm, os mezes vôam, trava-se a lucta aos symptomas da gravidez, sendo forçoso occultal-a, evitando curiosos olhares dos seus e dos extranhos, fugindo a toda indiscrição, e engenhosamente procurando meios de encobrir qualquer suspeita.

Mas a crise caminhava para os desfecho fatal.

Não raras vezes reiteradas desculpas suppriam as exigencias dos trabalhos domesticos; inda assim a infeliz se transformava a olhos vistos.

Reparavam-lhe já as tristezas, o recolhimento, a mudança geral do seu todo, o silencio de seus costumes, os signaes indeleveis de prolongadas vigílias, a ausencia de prazeres, a amargura sempre pintada no rosto a recusa formal de mal estar, si indagavam do que soffria. Semelhantes contrariedades gastavam gradualmente aquella robustez, sem remedio nem consolação.

Ninguem a devassar este segredo.

Não obstante, certo dia, ouvira de sua mãe, um tanto pensativa, esta exclamação:

— Menina, não sei que tens. Estás muito doente; isto não vae bem e eu quero examinar com cuidado esta doença.

Hercilia ficou livida, quasi morta.

Seu pae alli estava escutando tudo, mas, não muito attento; porquanto naquelle instante chegava á casa um escravo de sua familia com uma carta urgente, reclamando sua presença na villa do Salgado.

Umberto, parente seu a quem muito estimava, havia enlouquecido, e seu irmão, mercador de escravos, por mau genio e crueldades para com os infelizes fôra barbaramente assassinado por um desses, a caminho das mattas do sul de Minas, tendo a cabeça aberta por golpe de machado, quando dormia.

O fazendeiro, engolindo uma saliva amarga misturada de lagrimas, deixára cahir a carta em dolorosa expressão:

— Forte desgraça!

— Que foi, moço? indagou Lucinda.

Não poudé falar; e, só depois de muita insistencia da mulher, respondeu soluçando:

— Nada! Vou neste momento á villa; e, apanhando-a, leu de novo a carta.

Houve um momento de consternação em casa.

Uma hora depois partia o fazendeiro.

Antes, porem, de cavalgar, chamou sua mulher:

— E' necessario muito cuidado de sua parte, Lucinda! Nossa filha está bem doente. Menina tão vigorosa e agora com esta mysteriosa molestia que dá tanto que pensar! E' bom cortar o mal pela raiz. Inda pouco, emquanto eu lia a carta, você falava com ella sobre a doença. E' bem possivel seja este clima, pois tambem vou passando só Deus sabe como. Tome todo o zelo. Não sei quanto tempo me demorarei, nem o que terá acontecido com semelhantes noticias. Comtudo, na minha volta... Adeus!

E Leal estendeu a larga dextra, apertando a da esposa.

— Vá em paz. Meu Deus, que infelicidade! disse ella, vendo-o já muito longe. Ninguém neste mundo sem soffrimentos.

E retirou-se muito afflicta aos aposentos interiores, não mais se lembrando de Hercilia.

Esta, sempre atenta, presenciára toda a conversação.

Aquella carta fôra uma salvaguarda; encerrada em um circulo de ferro, não sabia que fazer.

Conhecia bastante o genio iracundo e violento de seus paes. Não tinha sinão a Deus para quem appellar, e sem remissão.

Afflicta, pensára em Angelo, naquelle instante talvez ausente nos longinquos campos.

A preponderancia e, portanto, a irreconciliação accenderiam o facho infallivel da vingança.

Um inferno de torturas bramia-lhe n'alma.

— Foge (imperiosamente batia-lhe o coração), fuge, desgraçada! E a pobre Hercilia sentia suores frios escorrer-lhe em todo o corpo. Acolhendo o ultimo pensamento, como um lenho salvador, cautelosa arrumára umas roupas em um lenço e occultou-as no cafezal.

Era no tempo das aguas. O dia correra esplendidamente bello pela manhã; mas á tarde repentinamente se mudára. Grossas nuvens inundavam o céu, ameaçando proxima borrasca, e ninguém a suspeitava sequer.

Temerosas lufadas provocaram nas florestas medonhos estrondos. O sol não entrára ainda, e faixas de trevas sulcaram o meio do valle.

Maracanãs assustadas refugiavam-se nos bananaes, presagiando-se a tormenta.

Hercilia, inquieta e angustiada, chegara á janella de seu quarto, sondando os carreiros dos campos.

Nada de Angelo!

Furiosos ventos rangiam nos cannaviaes.

A casa parecia deserta, suas irmãs tinham ido às pressas buscar água a uma fonte algo distante.

Sua mãe, temendo talvez as trovoadas, conservara-se nos seus aposentos; a desditosa moça tudo espreitava, aterrada, desorientada; e... ou a fuga, ou a morte.

Uma saudade bem cruel cortava-lhe o coração: lembranças de suas irmãs que tanto amava, de seu veadinho, seu papagaio, sua arara, a casa paterna nessa separação para sempre!

Ella... outr'ora tão amada, tão querida!... Agora amaldiçoada!...

Assim pensava, chorando pungentemente.

Nesse interim chega Angelo com umas vacas de leite, apeando-se á porteira do curral. Hercilia, tomando o embrulho que escondera, corre ao seu encontro.

Salta-lhe por deante do veadinho.

Ella, ajoelhando, abraça-o em soluços:

— Dá lembranças a meu papagaio, á minha arara, ás meninas, a minha mãe... a todos! Adeus, meu veadinho! Adeus para sempre!

Angelo, que estava proximo, sobressaltára-se com aquella scena.

— Que é isto, Cellinha?

— Partamos d'aqui n'este momento sem perda de tempo.

Estamos perdidos.

Angelo empallidecera, mas não duvidára.

Sem recuar, num volver de olhos medira o perigo.

Poz Hercilia á garupa do possante e veloz rosilho, seu companheiro de confiança, e um presagio ameaçador os arrancou d'alli.

Brame a tormenta e a noite torna-se escurissima.

Abrem-se as cataratas do céu e o vento zune violento nos barrancos das grotas e ladeiras.

Tão densa estava a escuridão, que a custo o relampago rompia a massa enorme da noite, cortando-a de clarões profundos, rapidos, sinistros.

Os trovões abalavam a terra e o céu.

O aguaceiro inundava as estradas, alvejando-as como leitos de rios, e os desfiladeiros vomitavam catadupas troantes para o fundo do valle, despejando-se nas agruras do ermo.

Que ventura para quem vê o percurso da tormenta ao doce aconchego do seu lar!

Que desventura para quem sente e affronta o zurzir dos elementos atravez das tormentas do espírito!

XIV

A novidade *em pessoa*, pondo em movimento as linguas mexeriqueiras, voava de bocca em bocca nos arredores de Boa Vista.

Nenhum outro facto se commentava mais do que este com tantos juizos falsos e supersticiosos.

Os logarejos são muito achacados desse mal.

A curiosidade subia de ponto.

Quem era de vida sendentaria, agora sahia para mentir, parolar em toda palhoça, em qualquer rancho de *beira de chão* ou *pé de pau*; uns pelo gosto de bisbilhotar a vida alheia, outros por interesse mesquinho e pessoal: tomar de emprestimo uma *casquinha de fumo*, um dente d'alho, um punhado de sal, uma pinguinha de cachaça. Sentenciava este: aquelle prophetizava e uns e outros espionavam ás furtadelas a casa do fazendeiro ausente. Durante dias o alvoroço extendera suas azas sobre aquelles cerebros mesquinhos.

A colera e a vingança do nobre capitão eram discutidas como infalliveis.

Taes as opiniões do povo.

Um silencio funebre pairava sobre aquella casa abastada, cujas portas se conservavam cerradas.

Dalli nada transpirava, augmentando e fortificando por isso mesmo as murmurações sobre o desfecho d'aquelle drama com a chegada do chefe.

Inquietação geral! Mas ninguém se atrevia a deitar os pés naquelles terreiros.

Afinal, apparece o fazendeiro.

Avivam-se os matreiros camponios.

Que succederia?

Espionavam-se os passos do rico senhor, mas em pura perda: sempre e sempre o silencio.

Nem uma voz alli se elevava, sinão do cachorro em sentinella em deredor, farejando algum rasto desconhecido.

Os curiosos davam extensas voltas nos mattos, agachavam-se nas moitas vizinhas e dellas viam de longe o capitão meditabundo, por horas inteiras, ora sentado, ora caminhando com as mãos cruzadas sobre o peito á sombra de uma quixabeira.

Como adivinhar o que lhe ia no espirito?

Não fallára, não consultára nem chamára pessoa alguma em seu auxilio.

Quem ousaria dirigir-lhe a palavra?

Dois individuos de sinistra catadura em certo dia alli se apearam, conduzindo mais um cavallo á dextra.

Taciturnos, sobraçavam clavinotes de grosso calibre e pareciam esperar ordens, porque de pé não ousavam descansar, olhando furtivamente para o patrão.

Este, engolphado em seus pensamentos, não dera por fé ou não quizera importar-se com elles, ao menos apparentemente.

A tarde d'esse dia — uma tardinha clara — estava lindissima.

As perdizes nas chapadas soltavam saudosos pios e os passarinhos gorgeavam nas varzeas, nas ondas de uma luz esverdinhada de mistura com sombras.

Na majestosa copa de uma gamelleira, ao fundo, agitando a placidez da tarde, um casal de bem-te-vis modulava este duetto:

— *Vi..i..i..i..*

— *Vi..i..i..i..*

— *Tirs te vi!*

— *Tirs te vi!*

E, depois de pequena pausa, recomeçava mais forte:

— *Tirs te vi i*

— *Te vi!*

— *Tirs te vi!*

— *Te vi!*

— *Tirs tirs te vi!*

— *Te vi!*

— *Tirs te vi!*

— *Te vi!*

— *Te vi!*

— *Te vi!*

— *Tirs te vi, tirs te vi!*

— *Te vi!*

No ultimo leque de uma palmeira nova do quintal o papagaio cantarolava estes rudes versos:

Veado no campo

Corredor,

Cachorro n'ella,

Caçador!

Au! au! au!

Sae, cachorro!

Carocha vendeu a saia,

Carocha!

A troco d'aguardente da praia,

Carocha!

Passa fóra

Candangola!

Quem tem rabo

Corta fora.

Papagaio louro

Do bico dourado,

Toma esta carta,

Meu louro,

Leva a meu namorado.

Papagaio real,

Para Portugal

Quem passa,

Meu louro?

— Rei senhor que vae á caça;

Toca trombeta e caixa

Purruspaco

Papaco

A mulher do macaco!

Ella pita,

Ella masca,

Ella toma

Torrado.

Pr. r. r. u!

Arre lá, senhora!

Papagaio é cachorro!

Papagaio é moço louro,

Pé de prata,

Bico de ouro,

Filho de um rico fidalgo.

Arre!

Quem observasse bem a prosa d'esta ave, certamente notaria uma secreta uncção, terminada em uma doce lembrança enviada aos horizontes, onde a tarde lá se ia:

— *Oh! Cila? Cila?*

E o eco repetia ao longe: Ila? ... Ila?... por entre os palmares, quedando-se no ermo.

Trepando á mesma palmeira, gritava a arara com voz grossa, imitando o papagaio:

— *Cila? oh! Cila?*

Nessa ocasião o fazendeiro, qual si despertasse de um lethargo, olhou em torno:

— Zé Catrumano?

— Prompto! patrão! troou um negro trombudo, de cara horripilante.

— Entra aqui pelo fundo e atira naquelle papagaio. Mata-o!

Dahi a instante ouviu-se formidavel estampido.

— Chico Cabo Duro?

— A's ordens, meu patrão! responde outro individuo, alaranjado, cuja enfesada carapinha contrastava com a epiderme — côr de tacho areado, com olhares felinos, alto, magro, ossudo e teso como um malvado.

— Arreia os animaes, Cabo Duro!

Nesse interim voltava Catrumano, carregando novamente a arma e trazendo pendurada ao currião uma arara.

— Matou, Catrumano? indagou o fazendeiro.

— Nhor, não! O cravinote stava cheio de más, mas porém eu agaranto a Vosmincê que elle não voltará pru que sahiu muito chamuscado; e aqui tem esta arara que stava junto mais elle.

— Oh! desejava vel-a morta tambem!

Descendo o campo e a cabriolar vinha correndo um veadinho e se foi ter junto ao capitão, como a saudal-o alegremente. Nada mais preciso. Hora funesta! A ira, a desastrada ira espichara-o no chão com violenta e certa punhalada.

— Retira isto da vista de meus olhos, Catrumano! Arrasta pr'os urubús.

E, como allucinado, accrescentou:

— Assim tambem juro por esta luz que nos alumia, como hei de tirar as orelhas áquelles desgraçados!

O sol acabava de entrar tristemente e a noite sahia do valle povoando a terra.

Ao lusco-fusco tres cavalleiros, apertando ás cintas suas cartucheiras, hesitavam sobre que caminho seguiriam.

Depois de alguns instantes sumiram-se em opposição ao que os fugitivos haviam seguido.

E tudo recahiu em silencio.

Como que as azas da morte pairavam sobre o espirito das selvas.

XV

Angelo e Hercilia, salvos do perigo imminente que os ameaçava, caminhavam noite e dia, favorecendo-os o erro casual da direcção tomada por seus perseguidores.

O inverno rigoroso detinha-lhes a marcha ainda mesmo forçada.

Hercilia, que nunca viajára, sentia vexames taes com a jornada, que por vezes chorava, maldizendo-se nessas dores supremas pesadas pela fatalidade.

O sol, a chuva, o calor, o frio e o sereno eram seus companheiros inseparaveis, sem que até então uma palhoça sequer os amparasse; demais disto, parar seria preparar o inimigo, esperal-o; e, portanto, nada de repouso ou de hospedagem em qualquer parte, onde um só vislumbre de desconfiança os perderia.

A conveniencia de evitar vestigios era estrictamente observada; o medo os obrigava a abrigarem-se ora a um antro occasional, ora ao matto mais cerrado.

E soffriam muito, principalmente nas noites invernosas, sem comer nem dormir.

Tamanhos sacrificios eram demais para a pobre Hercilia. Inchavam-se-lhe os pés, dilacerados de espinhos, e gemia noites inteiras, si a jornada era maior.

A escassa provisão que levavam, extinguiu-se.

Por todos os modos surgiam difficuldades.

O cavallo em que viajavam, pouco resistira, cansando-se nos primeiros dias.

Viram-se a pé e sem parar.

O animal, logo que recobrou forças, voltou aos campos patrios. Os fugitivos não se lembraram d'isso, tamanhas as preocupações.

Caminhavam em direcção ao norte, afim de, o mais breve possível, no seio de outro povo encontrar protecção que os salvaguardasse.

Essa esperança animava-os; mas muitas vezes desfazia-se como o fumo, quando, não so pelo incommodo de Hercilia, como ainda por demoras sensíveis, Angelo precisava trabalhar para a obtenção de novas provisões.

Não raro recorria nesses lances á natureza: um pouco de mel sylvestre, uma fructa selvagem.

Hercilia debilitava-se a olhos vistos.

Calado até á resignação, Angelo era sempre o mesmo: amoroso, delicado; não ouvia um gemido de sua companheira de infortunio, sem participar do mesmo calice.

Buscava todos os meios possiveis por vel-a restabelecida; e, somente quando os atilhos da adversidade tocavam ao extremo, é que murmurava sózinho, afflictivamente:

— Meu Deus! Forte infelicidade!

Mas, não lhe era obstaculo atravessar assim os ermos, vadear correjos e ribeirões de perigosas enchentes, levar ou carregar aos ombros Hercilia adormentada de febre, e com coragem cortar rumos por onde jamais sonhára caminhar.

Sem guia, salvava-o a grande pratica de bater matos.

Sempre dormindo nas selvas, por logares duvidosos, velava, afim de evitar o bote de qualquer féra, até que o dia raiasse.

Uma noite, noite escuríssima, um phenomeno bastante natural alarmára o espirito infantil de sua querida: um clarão de luz mansa e leitosa lavara a face verde da floresta, escorrendo até o chão por entre as moitas densas!

— Não te assustes, tranquilizou-a Angelo: são as folhagens das tahypocas e vaquetas, que por aqui abundam.

Hercilia, despertando nessas occasiões, encontrava-o apprehensivo como de vespera e reprehendia-o docemente.

Sorrindo, não respondia.

E Hercilia tinha razão.

Embora não recuasse jamais deante dos soffrimentos, aquella robustez de ferro poderia vergar; e elle tambem tinha razão, sabendo que olhares de violencia o seguiam por toda a parte.

Adeante ou atraz, sempre a seguil-o qual espectro pavoroso, sinistro, vingativo... o vulto do capitão Leal.

Verdadeiro pressagio! pois que este, depois de haver percorrido e indagado por varios logares até ás proximidades da provincia de Goyaz, onde suppunha encontral-os, volvia á casa desesperançado: mas, alli chegando, accusara-o sua mulher, offerecendo-lhe a saia em troco de sua pusillanimidade.

Capacitou-se de que deveria tomar outro rumo, e avançou quasi certo, pois que apparecendo-lhe á porta o cavallo dos fugitivos, esse facto o norteára mais ainda.

Decorreia um mez!

O boato, esse avejão do povo, pairava ameaçador, servindo de rastro á perseguição contra os desditosos fugitivos.

XVI

No lugar denominado — Defuntos — os tapuias Rodellas¹¹ da aldeia de S. João das Missões estavam á *desmancha*¹².

A' casa destinada a esse fim chamam *casa de farinha* ou *officina*.

E' um dos fracos recursos da agricultura em geral pelo sertão: um rancho mal coberto de telhas ou de casca de arvore, de paredes grosseiras e alinhavadas, de taipas; alguns sem portas na frente e no fundo, tendo uma saleta sufficiente para essa especie de trabalho.

O meio ou o fundo de tal sala é occupado por uma roda de pau em um eixo de ferro, terminado em veios, girando velozmente em dois grossos moirões de aroeira.

Uma corda de couro crú de coati, toda ensebada, ajudando a roda em sua evolução, faz gyrar na distancia de três metros outro apparelho dentro de uma caixa quadrada, sem tampa de um lado, com dois grandes orificios no fundo, por onde ainda passa a corda, movendo com incrível rapidez e estrondo bem monotono, preso por um eixo dentro da caixa e crivado de serrilhas, defendidas por uma taboa com buracos bastantes para as raizes de mandiocas por mais grossas que sejam. As raizes cortadas por essas serrilhas escapam-se convertidas em massa por um buraco grande, caprichosamente espherico, do fundo da caixa, cahindo em um cocho feito de um pau inteiriço a que dão o nome de *maceira*, bem como *bolinete* ao apparelho de que falámos.

¹¹ Nota do autor: Rodellas de pau: cascaveis, usadas nas dansas — torés em dias de festa.

¹² Nota do autor: Preparar mandioca para a farinha.

Assim preparada, é a massa levada á prensa, sita no interior da officina.

Junto á parede que dá para o nascente, levanta-se um quadro atijolado e limpo a que chamam *paiol*, largo e repartido por duas ou mais pedras lisas no centro desse quadro, abaixo do qual está o fôrno de duas ou tres boccas, recebendo a lenha necessaria que alimenta o fogo.

Aquellas pedras são de torrar farinha, beijús, tapioca, crueiras.

Com simplicidade apparecem outros objectos de pouca importancia, e nisto se resume o que se chama vulgarmente uma “officina do sertão”.

Dia esplendido! Aspirava-se a frescura matutina dos matagaes floridos em deredor desses tugurios dos selvagens, evolvendo-se de cada um delles o penacho do branco fumo hospitaleiro.

Dos homens, uns revolviam a terra nos roçados, cavando o mandiocal, outros iam e vinham com grandes balaies de taquara á cabeça, cheios da preciosa euphorbiacea que na officina formava já alto monte, ao pé do qual agglomeravam-se acoradas, mulheres e crianças.

Duas turmas porfiavam entre si na labuta. Atropellavam-se os ligeiros raps! raps! raps! dos *caxereguengues*¹³ ou trinchetes nas raizes de mandioca.

Voavam de mão em mão os *capotes* ou *capitães*¹⁴; a prensa recalcava a massa crua, destilando a manipoeira¹⁵; varria-se o fôrno, preparavam-se os rôdos¹⁶, rachavam-se lenhas, e a roda, açoutada por dois vigorosos braços de truculentos caboclos, movia o bolinete, roncando ao som do seguinte desafio, improvisado e cantado pelos jogadores de moirão¹⁷:

— *No caminho do sertão*

Encontrei uma jabiraca

¹³ Nota do autor: Faca ordinaria ou pedaço de faca.

¹⁴ Nota do autor: Raiz de mandioca rapada até o meio.

¹⁵ Nota do autor: Succo venenoso da mandioca que embriaga ou mata os animaes que o provam.

¹⁶ Nota do autor: Meia lua de madeira na extremidade de um pau para torrar farinha.

¹⁷ Nota do autor: Modo especial de mover-se nesse trabalho (Josaro moirão).

*Que custano ua pataca,
Eu comprei por um tostão.*

*— Eu trazia o meu surrão
De couro de treis ovêia,
Cum treis cabaça bem cheia
De leite de caetitú.
E do oio d'um madacarú
Eu vi teu rasto n'areia.*

*— Eu vi teu rasto n'areia
E me puz a maginá:
Oh! que mimo tem teu corpo,
Que teu rasto fais chorá!
No é do páo tem um ôco,
Onde tem um mangangá
Mais em cima um enxuhy,
No meio um arapuá;
N'uma gaia uma pintada,
Na ô'ta maracaiá.
Tirei um bolo de barro,
E tapei o mangungá.
Botei fogo no engú,*

Furei o arapuá.

Dei um tiro na pintada,

E acabei c'o maracaiá

E meus parentes da banda de lá.

— *Marimbondo magangá*

So fais roça na catinga.

Quem não póde c'a mandinga,

Não carrega patuá.

A desgraça do pau verde

E' ter pau secco encostado:

Pega fogo no pau secco,

La vai pau verde queimado.

Espraia brasa no chão

E fica tudo arrasado.

La em casa tem um gato

Que sabia tirá leite.

A gallinha lá de casa

Sabe brigá de porrête.

Lá em casa tem um capado

Que sabe escorá tamborête.

Cachorro de lá de casa

Sabe tocá machête.

*Um papagaio no pau
Que sabe tocá foguête,
Uma arara cantano
Em riba do catolé.
Não era coco, não era nada:
Era um vaqueiro de pé.
E dei um xôto no cabôco
Pu riba dum marmeleiro,
O gibão d'elle roncava,
Cumtrovãode janeiro
Eu drumia e acordava
E a capanga do negro zoava...*

XVII

Misericordia, meu Deus! Perdão, meu pae! Perdão! Anginho?!

— Eil-os, enfim! Amarrem estes miseraveis! bradou a voz de um homem, entrando de salto na officina, cego de furor infernal, sanguinario, e que, sem se importar com pessoa alguma, arrastava pelos cabellos a uma moça supplicante.

— Mata-me de um só golpe, meu pae! Eu sei que só a morte póde lavar-me...

Mas aquelle homem estava surdo de colera, de vingança, de rancor, e continuava a arrastal-a para fóra da officina.

Um baque medonho por cima da macieira, e depois, na vertigem de supremo desespero, outro não menos cruel de um individuo que se esbarrachára contra o monte de mandioca, sendo alli atirado quasi sem sentidos, tamanha a pancada recebida.

Tres homens brigavam valentemente: dois contra um. Um fóra de combate, e outro que gritava:

— Me acóde, Catrumano! O moço me mata, ou antonce em mato este desgraçado de cima de mim, gente! Me acóde! Ai! me acóde!

O quadro era de terror, de panico indescriptivel.

Um alarido de gritos e imprecações de mulheres e crianças!

Caboclos precipitam-se de carreira na officina, onde já o seu chefe luctava com o desconhecido, que tentára apunhalar a moça, aparando em tempo aquele golpe fatal.

— Stá doido, seu home? Home de Deus, que é isto? Me attenda!

— Largue-me, senhor! bradava ferozmente o desvairado. Não seja atrevido! Quem é o senhor?

— Nunca lhe dei a ousadia de tocar-me. Aqui não lhe cabe e falta-lhe toda a competencia.

E, dizendo assim, esforçava-se em desvencilhar-se do chefe dos tapuias. Este responde com energica prudencia:

— E' inute, senhor. Quem manda em minha casa é eu.

— Seje quem fô, tenha ou não tenha competencia, justo é qu'eu não consinte in simiante barbaridade. Vancê não pode pensá o que stá fazeno. Essa moça é sua fia? ou...

— Minha filha?! Esta, filha minha? gaguejou elle, dando uma gargalhada de odio. Nunca! nunca! Já foi. E, deixando cahir o punhal, bateu, esmurrando o peito:

— Sou um pai deshonorado, coberto de infamia, de opprobio, desgraçado por toda a minha vida. Preciso desabafar este peito e estas barbas velhas. Hoje, não ha santo nem Deus!

— Quero vingar minha honra manchada. Tenho sêde de sangue. Quero vingar-me, quero vingar-me! Faça o favor de entregar-me o punhal.

O caboclo recusou o pedido.

Uma segunda investida, mas a victima fôra-lhe arrebatada. Ante o impossível, calara-se de repente. Um nó atravessara-lhe a garganta, estatelaram-se-lhe os olhos injectados de sangue, e, fixando-os naquelle instante na desventurada, já em mãos d'algumas mulheres, soffrera tremor convulso. Era o orgulho

concentrado, e todos lhe viram lagrimas maldosas escorrendo pelas faces e afundando-se nas longas barbas.

E sentára-se por algum tempo em um cepo, que alli estava.

Cego de ira, nada mais enxergava.

Veloz raio de luz clareia o facto dos dois hospedes n'aldeia.

Naquelle borborinho e confusão de um só tempo, ouviram-se clamores fortes:

— Não mate o moço, jagunço!

E um tiro soára... tarde ou a tempo, porque o assassino errára o alvo, mas emendára a mão com uma coronhada.

Por certo, o leitor terá adivinhado já a presença de Leal e seus asseclas.

Angelo lutava valentemente com o monstruoso Cabo Duro, que, dextro tambem, evitava as muitas punhaladas que Angelo com pulso firme lhe vibrava.

D'estas, recebera algumas, mas de nenhuma gravidade, posto que subjugado afinal pelo destemido rapaz, que o trazia preso sob os joelhos.

Melhora Catrumano do socco e do tombo que levara, e traiçoeiramente o aggride, vibrando-lhe com violencia aquella coronhada sobre a cabeça, rolando-o por terra.

A indignação, subindo de ponto, explodira em revolta:

— Desfeita! desfeita! Não se atura esta desfeita! vociferaram raivosamente os caboclos.

Sem demora assovios agudos perderam-se nos angulos do matto; a questão tomára character serio: o matto como que se movimentava. Parte dos homens e das mulheres tinham desaparecido; das crianças nem uma se via.

Os assovios resoavam repetidos, e, ao mesmo tempo, correspondidos.

Os assaltantes, repostos de sua temeridade, prestaram atenção ao aspecto mysterioso de alguns caboclos que restavam.

Bramam urros de fera no proximo matagal; na frente da officina vêm cravar-se algumas duzias de mortíferas flechas.

Capangas e patrão vêem-se cercados e perdidos.

Leal, melhorado do seu furor e um pouco desconcertado, temendo ser victima, levantou-se em decidida attitude:

— Com effeito, cambada! Não foi para semelhante disparate que eu aqui os trouxe. Que lhes ordenei eu, senhor Catrumano e senhor Cabo Duro? Não foi simplesmente amarrar o rapaz?

— Sim, senhor, patrão.

— E como commettem absurdos d'esta ordem?

— Amarrem-no sómente, accrescentou com azedume.

Approxima-se o chefe dos caboclos em tom decisivo e ameaçador:

— Cumo? Amarrar! aqui? e condo?... E' baixo... Senhoro acaba de cummeter uma impurdença; senhoro veja cumo purcede, apois eu bem lhe disse.

— Meu amigo, faça-me o favor de dizer sua graça.

— Inlia da Costa.

— Oh! amigo Elias, si o arrependimento pudesse salvar-me?!

— Senhores todos, que me ouvis, desculpe a dor e a infelicidade de um pae pelo que acaba de acontecer neste lugar. Não é, nunca foi meu costume desautorizar pessoa alguma. Confesso que pela primeira vez procedo mal em minha vida. Peço-lhes perdão; fiquei cego um instante sem conhecer o direito alheio, e o senhores têm toda a razão. Não sei o que fiz, nem tão pouco o que eu estou fazendo, e reconheço-me culpado.

— Errei— estou mais que convencido; porém, que querem? Fiquei louco, assim que vi este miseravel rapaz que seduziu minha filha; demais, cada um que tiver filhos que se colloque em meu lugar.

— Assim mêmo; mas porem, não percisava tanta dureza, nem tanta sede ó pote, interview Elias.

— E' verdade, não precisava, senhor Elias: e tanto assim que lhe dou minha palavra de honra de que nada haverá mais contra elles.

— Ingrato este rapaz! Criei-o como filho: elle tudo esqueceu. Também quiz esquecel-o; mas, não pude.

— Era de meu dever procurar minha filha que com elle fugira; ninguém pode avaliar o que temos soffrido ha perto de dois mezes com este acontecimento: eu e a mulher. Andámos mortos. Minha filha é muito infeliz.

— Na verdade, infeliz mêmo.

— Eu sou o capitão Leal. Estimado de todas as pessoas de bem, collocado na melhor sociedade da villa, lá me aconselharam prender o rapaz para a guerra do Paraguay, que está accesa; deram-me para isso estes dois soldados que os senhores vêem, e trago ordem da justiça para o prender.

A estas palavras houve certo murmurio e trocar de olhos entre os caboclos. Leal aproveitou-se do incidente:

— Ha dentre os senhores alguém que saiba ler?

— Nhôr não! Quem sabe mora d'aqui mais longe— o ispetô de quartêrão, o véio Marco, meu tio.

— Trago a ordem do delegado de policia, vou ler para que fiquem capacitados do que acabo de falar.

E da algibeira puxou uns papeis e os leu em voz alta.

Após a leitura entrou em differentes conversações com aquelles rudes homens, captando-lhes toda a confiança, a ponto de desarmar toda a suspeita.

Ruira a corrente desfavoravel da opinião, sendo Leal considerado desde logo um homem de bem e de merecimento.

Conseguindo o que almejava, o fazendeiro, já amigo, fez presentes de valor pelo bom acolhimento de sua filha: de tal modo se houve, que, suspensas as hostilidades, os fugitivos lhe são entregues, tres horas depois, sem mais resistencia.

Leal dissera haver pressa de viajar, e por isso não se demoraria entre aquella bôa gente, a quem era muito grato.

E dispoz-se a partir.

— Vamos, minha filha, disse, aproximando-se de Hercilia, e, quasi em prantos, accrescentou docemente:

— Vamos para casa. Não a acreditava tão ingrata para com seu velho pae!

— Eh! moça! apoiaram Elias e varios outros. E' bão vancê i pêra casa de seu bom pae! Elle nada lhe fará.

— Bem, meu pae! Vamos! Vamos para onde o senhor quizer, respondeu firme e resoluta Hercilia.

— Oh! minha filha! Não ha necessidade de falar assim commigo. Se você desconfia de mim, então fique, irei sózinho, e direi a sua mãe que a tanto chegou sua ingratidão.

— Minha filha, será possivel que não queira perdoar-me o que acabei de praticar? Oh! eu não estava em mim. Si eu não a estimasse, por sem duvida aqui não viria, sendo outro o meu proceder. Oh! eu não sou um monstro! E você bem sabe que o não sou.

— Sim! meu pae! Que estou dizendo? Já não disse que o sigo? Estou decidida. Seja o que Deus quizer.

— Vae, moça! Iss'é qu'é! Que lhe hade fazê seu pae? — inda teimaram alguns.

— Então, vae, minha filha?

— Sim, senhor!

— Cabo Duro, prepare os animaes. Você, Catrumano, arranje uma garupa para o rapaz. Por falar nisso, como vae elle?

— Bem seguro, patrão! Bem amarrado!

— Muito bem! Andem depressa.

E o fazendeiro, sem perder tempo, começara suas despedidas.

Hercilia, envergonhada e abatida despede-se tambem.

Arreitados os animaes, é posta á garupa de seu pae, enquanto os camaradas accommodam o prisioneiro.

E partiram.

Aquelles infelizes mereciam compaixão e por muito tempo nada mais se falára n'aldeia sinão d'aquelle triste episodio.

No emtanto, leitor, si pensarmos bem, que modificação soffrera de um instante para outro o colorido deste quadro?

Que benefico raio do céu sulcára o intimo de um pae, commovendo-o ante a desdita de uma filha?

Ah! por sem duvida que n'elle procede o esplendor divino da verdadeira caridade, do amor, da compaixão, do sangue... ah! do sangue!?... Era sua filha e filha prodiga — flor sagrada para seu coração ternamente humano. E por que não? Perdoava? Precisava perdoal-a.

Talvez que alli não mais pesasse uma peccadora, e sim uma bella alma, lavada, pura e serena... regenerada!

O arrependimento orvalhára aquelle espírito, purificando-o no pranto.

E um pae é sempre um pae!

Como são mysteriosos os arcanos da alma humana!

XVIII

*Que doce regaço
De mãe carinhosa
Que, terna, amorosa,*

Seus filhos vigia!

Si a noite regella,

Si passa a procela,

Mais azaz tem ella,

Qual anjo da guia.

Travessas montanhas, pináculos esguios,

Carreiros da gloria fulgindo sem par,

Quem é esse vulto que os braços estende,

Exangues, tão curtos p'ra o mundo abraçar?

Fallae, ventanias – tormentas errantes,

Phantasmas que ululam sedentos de lar...

O vento emudece,

*A tarde esmorece,
E o valle escurece
Em subtil palor.
A noite adormece,
A brisa fallece,
A flor estremece
Na leiva da dor.
O éco se cala,
A morte exhala,
E a sombra nem fala
Desfeita em negror.
O orvalho gotteja,
A phalena voeja,
A estrige braveja
De susto e pavor.
Silencio que aterra.
Um véo que se cerra...
Segredam c'ó a terra
Mysterios de amor.*

*Caminheiros errantes, espectros velados,
Nos séculos que foram sombrios, sem luz,
Que são esses orbes que o céu testifica?*

Quem é esse vulto singelo da cruz?

Calae-vos!... calae-vos!... que á plaga sidérea

– O lenho se oscila – banhado de luz!...



A cruz na estrada!

Oh! desengana-te, se te disserem que a fatalidade verdadeira é triste e dura.

Caminheiro do sertão, quando encontrares uma cruz na estrada, tira-lhe reverentemente o chapéu.

Ella é a arvore da fé – o fogo purificador.

Sob seus braços, ha muitos séculos dormem gerações que cahiram no caminho da existência; e ella, mãe carinhosa, – ave dos túmulos – tem-nas recolhido debaixo de suas azas.

Quem sabe si dos arcanos do infinito, ao lançar o Soberano Creador seu eterno *fiat* nesta epopéa de luz da criação, não fora ella a primeira palavra de seus divinos lábios, a primeira e sempiterna obra entre as constellações?!

Tira, pois, teu chapéu áquella que em seu seio encerra uma estrella viva.

Entre a vida e a morte interpõe-se um vácuo inevitavel.

Nos ceos, no meio das grandezas da gloria apparente, mostra então a seus pés a imagem clara da tua derradeira morada de provações e soffrimentos.

Como se alteia sublime em uma noite sem luar!?

Quanta prudencia, quanta vigilância!

Na linguagem dos mysterios ella te segreda: por aqui passarás, eu sou tua estrada.

Aqui, no valle, toda ella, como um santelmo de amor, affiançando á cova estreita a esperanza larga que confia, murmurando: subamos! Sou o anjo de teus prantos, eu te levarei alem!...

Contempla, caminheiro, em ti mesmo a cruz; abre teus braços e a encontrarás.

Foge da sciencia do sceptico.

Quem a traçou nos céos, a intelligência legisladora do mundo e do espirito, o Ser do amor universal – não a creou perecivel.

O sol, alumando a terra, tem menos luz; si quiseres vida, procure a arvore da redempção.

Como o perfume é alma da flor, assim ella – é flor e aroma do teu coração.

Guarda do teu silencio, defensora da tua honra, espelho da justiça, ella é paz, o conforto, a alegria, o romance, a poesia e o poema immortal de todos os arcanos da humanidade.

Nas elevadas selvas rugem os ventos dos valles e sons de saudades repassam nas brenhas silenciosas.

O trocáz arrula no pino do espinheiro, a juryty geme no matto, latem os kankans nos antros dos carrascaes e restingas. Leves vapores sobem o flanco das montanhas por uma réstea de sol de inverno.

Em calmaia estão as tardes cobertas de densas torres de nuvens, e o arvoredado oscila no topo alpestre dos penhascos.

A floresta, mergulhada na solidão, accomoda-se a uma orchestra divinal, orlando de verde as fraldas das rusticas serranias, donde se derivam bellas vertentes, de pedra em pedra, de ravina em ravina, de leiva em leiva.

Que solennes murmurios!

Perdida atalaia num angulo da floresta, retardataria inhambuzinha suspira de leve, e o zabelê da caatinga em busca do poleiro canta, ouvindo gemer na matta o bando dos mutuns.

Bravas sericóias, denunciando alguma clara e solitaria fonte, occulta entre arestas e troncos de pedreiras, de algentes ninhos tambem saúdam a serenidade da tarde com estridentes ecos:

Tru! tru! tru! tru! – Uh!... ai kaka!!

Ai kaka!

Uh! Ai Kaká

Kaká

Uh! ai Kaká!

Ai Kaká!...

Pombas chorosas, espiando as ultimas gottas estriadas da rôxa luz poente, repousadas nos altos imbarés, suavemente arrulam este queixume:

Só!

Só, só fiquei!

Que deslizar de harmonia sob o céu!

E' quasi a hora em que a abelha está prestes a recolher-se ao cortiço para o sabor de doces pennaes, e os zumbidos dos serralheiros e dos moscardos nas brenhas tocam de passagem em qualquer ramo do ermo.

Corujões dão berros de espanto nos madeiros seculares, onde os guaribas selvagens, pendurados pelas caudas, roncam como os engenhos de pau dos lavradores, estrondando pelas montanhas.

As balseiras, renteando com os céos, enchem-se de aves forasteiras, deixando nella o enxerto de lindos e roseos cachos das lianas.

Que delicia o descambar da tarde em meio da selva!

A monotonia infunde o medo num thalamo de tristeza: é o reconhecimento do infinito.

Desgrenhada viuva, – a Tarde, em pudibundos véos de sombra e luz, espósa a maravilha do Creador.

Ah! nos fala a Providencia, como eu vos amo!

E nós, glorificados nos extases desse amor, bebemos, embriagamo-nos da invasora onda da eternidade.

Espirito limitado, quem és tu?

Si com esse amor o horizonte sobe, subirás tambem; si desce, tu te nivelarás com o abysmo; porém, si és do infinito, aonde pretendes ir, si a cruz é teu extremo, teu marco miliário?

Buscas felicidade?

Segue-a.

Buscas a perfeição, queres repouso?

Ama a cruz.

Ella é virgem por excellencia.

E a única que não tem mãe; por isso mesmo se fez a mãe comum de todas as dores.

Em tempos futuros, em dias que não vêm longe, ella se erguerá formosa e bela no horizonte, como o sol no levante das nações.

Ama a cruz, porque, quando, abandonado do mundo, desejares alguém para teu amparo, ella será a primeira amiga a repousar contigo na jornada da vida.

Nova ou velha, centenária, cheia de bromas e de grammas, poida, lascada, sem braços, queimada, por terra, esquecida ou de pé, venerada e sublime, da planura do valle ao mais alto píncaro, ella, sempre fiel, será a aurora da tua esperança, a escada mysteriosa d'esses sonhos do desterro, o anjo da consolação.

Ah! como é bello vel-a !?

Também ora nos traz recordações muito tristes, compungindo-nos como eterno sacrificio nos sítios do infortunio.

E certamente já tereis adivinhado.

Era por uma brenha intractavel da catanduba.

Arrependidos e chorosos abriam outr'ora os caboclos das Missões, funda e larga sepultura, onde depositavam piedosamente um cadáver de mulher em adeantada putrefacção, mostrando a garganta varada por um punhal, e nas mãos, ainda fortemente atadas, um profundo corte, obras estas quaes de amestrado magarefe. Faltava-lhe uma orelha. Não obstante tanta malvadez, a seu lado jazia um corpinho de criança, uma menina, desfazendo-se como uma flor.

Esse o cadáver – o de Hercilia; o da criança — sua filha.

Não havia tempo a perder, pois difficilmente se executava aquelle acto de caridade.

O mau cheiro era insuportável: as victimas bastante estragadas por uma cafila de vorazes urubus, que no espaço volteavam em alos negros.

Por ultimo desligaram de um tronco de aroeira outro cadáver – o de Angelo: brutalmente multilado, com rasgões praticados nas arterias, e sem uma orelha também.

O chão – alagado de sangue em abundancia, coagulado e podre.

Quatro dias apenas eram decorridos, após a prisão dos infelizes, agora dormindo para sempre em uma só sepultura.

Plantaram depois esta cruz que o viandante admira, venerando-a, entrelaçada de linda ramagem de japecanga e hervas de florzinhas azues, que a seus pés brotaram e vicejam na volta das primaveras.

XIX

Pelo que vimos, o Leal não cumprira o promettido.

Muito de proposito calára infernais designios, disfarçando-os, mentindo para safar-se o mais depressa dos caboclos, e de sangue frio coroar á vontade e ao requinte sua nefanda obra.

Com efeito, chegando áquelle logar algo afastado da estrada real, – no mesmo dia desenrolou-se o mais horrível quadro que se pode imaginar.

Hercilia, já de pé, tivera desde logo os pulsos arroxados, e lutava muito, ou antes, prolongava por mais minutos a vida, uma vez desenganada de que sua perda seria inevitavel.

— Quero que tudo se execute a um só tempo, conforme nós combinámos; bradou Leal aos capangas.

Estes, em signal de obediência, amordaçam Angelo, amarram-no a uma aroeira; nelle praticam inauditas barbaridades, abrindo-lhe afinal as veias dos pés, dos braços com um vigor jamais visto.

O fazendeiro assiste impassível ao sacrificio.

O sangue transborda, jorra, ensopando a terra.

— Sangra este animal antes que morra, e bem devagar, como a um porco, para que não vá depressa; accrescentou.

Os fascinoras começam a execução.

Notava-se no corpo do paciente estremecimento geral.

Nem um gemido sequer: era a vida que lá se ia!...

Emquanto isso o desnaturado volve-se para a filha:

— Ajoelha, ordenou-lhe imperiosamente.

A desditosa não resiste, cahindo-lhe aos pés:

— Meu pae!...

Leal saca de uma pistola.

— Retira-te para mais longe de mim, não me toques; e... deixemos de lamúrias.

— Não precisa este rigor.

— Olha acolá!... e apontou Angelo: conheces e sabes bem porque...

— Mas, uma cousa ao menos: abandona-me, despreza-me, despreza-me para sempre!... Prometto nunca mais apparecer durante minha vida em tua presença, nunca mais!... Perdôa-me!

— Retira-te de mim, já te disse. E' impossível! Nunca! nunca!

Não há santo que te valha.

— Mas, o senhor mata-me, meu pae?

— Não profiras este nome. Tens deante de ti um inimigo de sangue... de muito sangue; e só o pensamento de que ainda estás viva, horroriza-me. Um favor somente: levanta-te, conta dez passos para deante e... nada mais!

— Então, só minha morte poderá...

— Não me respondas, não repliques, desgraçada, ouviste? Nem mais uma palavra. Irrevogavel! Sae de minha vista, ou te atiro sem detença. — E engatilhou a arma.

— Ah! meu pae, perdôa-me! Perdôa-me pelo amor de Deus!

— Não! não! Isto nunca! — Vociferou, tremendo de colera, rangendo os dentes.

Hercilia resiste de joelhos.

— Espera ainda; ao menos uma cousa te decidirá a poupar-me a vida e a recuar de semelhante attentado.

— Tens alma de algum reprobato no teu corpo?

Era-lhe custoso falar em tão curto intervallo, não fossem o terror da morte, o amor de mãe e a luta pela existência, jamais palavras semelhantes sahiriam de sua bocca; mas eram o ultimo recurso, o derradeiro arrimo, um lampejo de esperança.

— Não tenho alma de reprobato, e perdôa-me também o que vou dizer-te: não é por mim: estou resignada com a morte...

E o coração violentado sangrava-lhe neste momento.

— Para mim não há perdão; já sei, mas, ao menos te supplico pela criança que tenho. Embora filho da culpa, ella não tem culpa alguma.

— Maldição! Amaldiçoadas ambas! Tu e ella morreréis.

A estas phases rancorosas, pelas faces de Hercilia desceram estranhas lagrimas, coradas... côr de sangue!...

A criança saltava-lhe no seio, qual, si possível, espantada também da sentença final.

— Então, meu pae, está decretado: morreremos todos?

— Um favor único: um tiro só por uma vez só!

— E, permitta Deus, accrescentou a martyr em súbita inspiração, que nunca a lembrança deste crime te traga remorsos. Pódes atirar; posso perdoar-te, mas, a morte de meu filho... não sei quem t'a perdoará!...

Leal, dados três saltos atrás com extrema rapidez, vociferou irado:

— Miseravel! Inda ousas praguejar-me, e te atreves diabo?...

Um rastilho de fogo sulcou a fronte de Hercilia, que cahiu sem sentidos. Mas, oh! infelicidade!, Leal errára o alvo. Um espirito sinistro, iracundo, diabólico apossara-se desse homem.

Arrancando da cinta um punhal e levantando, furiosamente, Hercilia pelos cabellos, cravou-o até o cabo em uma das clavículas, traspassando-lhe o coração!...

O sangue golphára com tanta violência que banhára o rosto do assassino.

— Está saciada a minha vingança! disse, limpando com as mãos o rosto, as barbas e a terrível arma, que também cortára as mãos de Hercilia na extrema hora.

A martyr, soltando pavoroso grito, fechara para sempre os olhos.

A esse tempo acabava Angelo de expirar também. Leal volve do logar o cadaver, como para certificar-se de algo.

E, qual não foi seu espanto, bem como de seus sequazes?!

Ao ultimo esforço para suportar a morte a infeliz déra á luz linda menina, que apenas abria a pequenina bocca em derradeiro alento.

E aquelle pae desnaturado, sem coração, inexoravel exclamára:

— O que está feito, está feito, não está por fazer.

O Serafim, em um baptismo de sangue, voará a eternidade.

Era tarde. Uma réstea de sol poente, coada através do espiraculo de dourada nuvem, ruborizava em suave clarão as faces resignadas das victimas: - tinham as bellezas fascinantes da bem-aventurança.

— Aposto, aparteou um dos sicarios ao companheiro, in cumo este home já matou gente. Tyranno!

— Cala a bocca! E' do tempo da fome do Cariry. Veiu de lá... aprovou o outro, fulminado por um olhar feroz do patrão que os ouvira.

— Que estão olhando? Cumpram com seus deveres, para o que estão ganhando meu dinheiro, bradava este furioso.

O sol escondia-se no horizonte.

A taça da amargura – extravasada!

— Não se enterra o quadravre, patrão? Perguntou Cabo Duro.

— Nunca! estes desgraçados não merecem compaixão, quanto mais sepultura!

— Corta, Catrumano, uma orelha a cada um destes bichos.

Executada a ordem, recebeu, guardando cuidadosamente, o par destas sagradas relíquias — cumulo da perversidade!

— Agora, disse, tudo está terminado. Partamos!

Dois grandes listões azues, quaes duas tarjas imensas, atravessavam o céu. Sussurrava a natureza; mas, o valle, banhado do arrebol, foi-se empallidecendo... empallidecendo... aos poucos... aos poucos... e a selva recahiu no silencio.

XX

Pelas quatro horas da tarde de um dia do mez de fevereiro de 1868, descia pela margem esquerda do São Francisco uma das barcas mais antigas do Salgado – a “Nossa Senhora da Conceição da Praia”.

Os barqueiros dobravam remos ao mavioso som destas bravias cantilenas:

Desce, desce minha barca

– Senhora da Conceição! –

Lá na praia do Salgado,

Meu mano,

Senhora de m’ea devução.

Lé vem o Lope,

Do Paraguaya

Dois arfére,

Dois ténente,

Fazeno guerra,

Prendeno gente.

Conde prende,

Não qué sortá.

Conde sórta,

É prá judiá:

E' tempo de riculuta

Itê papo!

Quem tem papo,

Não vae lá.

Rio abaxo, rio acima

Vai avoano carcará.

Dêxa a alça d'alagôa

– Meu mano,

C'argum dia tornará.

Lé vem o Lope

Do Paraguaya, etc.

Vou me'embora, vou m'embora

Pras campina vê meu gado.

Ferreiro despois de morto,

Meu mano,

Dispois de morto – maiado!

Lé vem o Lope

Do Paraguaya, etc.

— Praia! Gritou o piloto, manobrando o leme para a extensa margem; a barca está muito carregada, e, enquanto é cedo, procuremos um porto. Alli está um.

— Tão cedo, seu moço? Indagou o proeiro mestre.

— Que cedo? Seria uma temeridade ir mais além dessa pequena resaca que se vê; remem, portanto, p'ra praia, em ventos não hai que fiar.

Ninguém ousou adeantar palavra, fundeando-se a barca em um porto que parecia deserto.

Os barqueiros saltam em terra; e, enquanto o patrão se arranja com a família para o mesmo fim, o proeiro sobe o barranco com a espia, esticando-a em um tronco de pagehú.

Repentinamente ouve-se um gemido alto e doloroso:

— Meu Deus, quem soffrerá tanto por aqui? Indagou o patrão.

O proeiro, que a esse tempo descia a barca, bradou, em alta voz:

— Patrão, lá em cima um home deseja vê muito V. S.^a e pede uma esmola.

O patrão sahiu sem demora.

Não longe dalli topou com velho e esfumaçado rancho de capim – beira no chão – um pouco espaçoso e de forma triangular, aberto ao fundo, isto é, sem parede.

Servia de porta de frente uma tira de velho couro crú, endurecido pelo tempo.

Frondozo joazeiro, carregado de frutos, abrigava-o sob a basta sombra e parecia o mais secular da floresta.

A' entrada extendia-se uma cama de varas, mal forrada, em cujo fundo se via uma senhora já edosa, sentada e com a cabeça escondida entre os joelhos; pelos modos parecia não ter notado a chegada do barqueiro.

Este, um pouco curioso, passa um rápido exame em torno, fixando a atenção em um girau á esquerda.

Nesse jazia um homem gemendo muito e quasi sem movimentos.

— Bôas tardes! disse o recém chegado.

— Bôas tardes, meu senhor! respondeu de dentro uma voz arrastada, cessando os gemidos; faça a caridade de chegar mais para perto, senhor meu, queira entrar e assentar-se em qualquer canto d'este indigno rancho.

O barqueiro entrou, sentando-se em um pilão velho, coberto por um pedaço de taboa – cadeira única – junto ao leito d'aquelle enfermo.

Pela afflictiva disposição com que ali penetrára e a escassa luz d'aquelle *habitat* áquella hora, tarde percebera a mulher que falámos, tão imóvel, agachada, andrajosa e muda se apegava a cama.

— Desculpe-me minha senhora: bôas tardes.

— Não havia reparado, disse, levantando-se do pilão.

— Bôas tardes, disse ella entredentes.

Houve certo silêncio cortado, todavia, pelo zumbido de moscas impertinentes e um soido harmonioso, qual de longinquos carros cantantes: uma pesada nuvem de moriçocas – terríveis pernilongos – aferroavam desesperadamente o hospede.

— Senhor, disse o enfermo, mandei incommoda-lo para uma esmola pelo amor de deus. Tenha dó de um desgraçado que aqui está para expirar á mingua.

— Que soffre o senhor?

— Muitos males e o maior incommodo d'este mundo.

Entrementes, vem chegando a família do barqueiro: uma gorda matrona, duas filhas e uma outra senhora, companheira de viagem, amiga de velhos tempos.

Um pouco atraz seguia uma preta velha, approximando-se com presteza, trazendo escanchada aos quadris uma criancinha muito triste e languida.

— Vocês, acudiu a preta, non póde chega muito perto deste rancho, praque dão sipurtarão a fedentina que daqui sehe; ispramente hoje; stá memo que ninguem guenta. A modes que stá prá morrê, apois sisturdia deo o ar – *Avemaria* – *Avemaria*, e treis antonte apareceu uma pinta nas ferida d'elle lá qu'eu acho que é (Deus te sarve o lugá, lá n'elle, não em mim) a mardita c'o fogo sarvage. Já se tem rezado e benzido e nada.

— Mas o mau cheiro que estamos sentindo, já é do doente? indagou a mulher do barqueiro.

— Meu Deus! si é!? Elle não passa d'hoje.

— Quem é o doente? Indagaram as filhas do barqueiro.

— Seu capitão Liá — chamado! Concluiu a preta, arredando a banda de couro, para que as visitas entrassem.

— Quem? O capitão Leal?! será possível? interrompeu sobressaltado o barqueiro.

— Sim, senhor! confirmou o doente. Eu mesmo. O senhor conhece-me muito, mas agora, pelo que vejo...

— Na verdade, capitão, uma verdadeira surpresa, não o conheci, apesar de reconhecê-lo muito, meu amigo!

O enfermo com esforço sobrehumano ergueu-se a meio.

— Apesar de muito tempo decorrido, si não me falha a memória, creio estar falando ao senhor Alferes Rocha.

— Sim, senhor! Este seu criado.

— Foi Deus quem o trouxe aqui.

— Capitão, como se reduziu V. S.^a a semelhante estado?

— Ah! Senhor Alferes Rocha, pesa-me a mão da Providencia Divina, e o resto, o meu amigo, bem sabe porque... Não precisa que eu lhe explique mais.

— Desde que me aconteceu aquella desgraça, que a fortuna me abandonou. Sorte mesquinha, adversa... e hoje sómente espero a morte que não tardará no meio dos maiores tormentos que Deus o preserve de sofrer. Tenho comido candeias de sebo; pago bem caro a minha loucura. E' bem certo o que se diz... Ai! Jesus! meu amigo! Que dor horrível sinto neste momento!

O enfermo parou um instante e continuou logo:

— Como ia dizendo: é bem certo o que se diz: *não se deve obrar antes de pensar.*

E'um exemplo sem igual este meu... Ah! eu desejaria que a noticia chegasse a todos, porque é uma verdadeira lição.

Senhor Alferes, creia que commetti aquelle erro, porque não encontrei um amigo!...

Achava-me bem, como o Senhor não ignora, com recursos bons; nada me faltava. Hoje, a tal extremo de penúria me vejo reduzido, que me amarga o caldo da esmola que nunca pensei pedir, bem como o caldo do feijão que se escuma n'este rancho, segregado inda mais da sociedade, foragido por estas brenhas.

A justiça da terra foi impotente para perseguir-me; porém de que me serviu isto, si outra justiça... a justiça do céu me persegue?

Logo casei minhas duas ultimas filhas, que em pouco tempo morreram de parto.

Tive mais um filho, um que ahi anda ruinzinho; minha mulher, depois disto, vexada de incommodos desconhecidos, sobreveiu-lhe uma doença de olhos e neste girau de varas, cega, traga commigo o fel de tantas dores.

Minha propriedade arruinou-se de mal a peor: não pude tratar mais de meus negocios.

Ao gado, ultima esperanza em que se baseava toda a minha fortuna, aconteceu uma cousa nunca vista: uma doença desastrada fez cahir os cascos ás rezes; ás que comiam frutas de tamboril, si eram pintadas, as pintas convertiam-se em feias chagas de que morriam.

Espesso bando de aves de rapina não deixou mais sossegar nem um bezerro, furando-lhe o umbigo, logo que nascia. Por outro lado crescia a mortalidade por atoleiros, cobras e outros accidentes. Um facto impressionou profundamente:

Vi um dia, de nossa casa, á tarde, uma cousa singular:

Quasi confundindo-se com as nuvens, a distancia considerável, divisei uma columna aerea negra, mysteriosa, que ora me parecia parada, ora se movia até sumir-se por entre as mattas do horizonte, sem que eu pudesse decifrar o que seria aquillo! Quasi não liguei a minima importancia a meus desconcertados pensamentos, que nessa occasião referviam de remorsos, e eu, então, murmurava commigo mesmo:

— Ora, bobagens! Um facto como qualquer outro.

Mas, Deus observava-me; á mesma hora certa, em outros dias successivos, cada vez que olhava para o mesmo lado, lá se ia a columna, um negro esteio, tal qual o primeiro.

Tantos os meus revezes que acabei por ir-me amofinando aos poucos, supersticioso, acabrunhadissimo.

A certeza de uma secreta condemnação bramia-me dentro d'alma.

Com effeito, quando acordei, – era tarde.

Meu senhor, não sei até hoje donde saíu tanto morcego!

Varios vaqueiros em um só dia e em horas diversas apearam-se á minha porta, entregando-me as varas de ferrão.

Nada mais.

Os campos estavam arejados.

Vi o restinho da criação acabar-se em breve tempo, apesar dos maiores esforços empregados; assim, desgostoso e arruinado, foram-se-me os recursos pecuniarios.

Reconheci que tudo conspirára contra mim.

Ah! si eu pudesse ainda contar-lhe tudo!

Impossível, tamanhas as infelicidades!

Todos fogem de mim, evitam-me; até os meus aborrecem-se do misero Leal. Têm razão: já nada valho.

Depois da miseria – a enfermidade: o corpo aberto em taes e tão podres chagas que só o senhor me assiste por caridade.

— Oh! não pense assim!...

— Ora, si eu mesmo não suporto, quanto mais os outros! Aos pedaços assisto em vida ao meu enterro.

— Como?

— Verá. Insupportavel tornou-se-me a existencia.

— Está o capitão bastante fatigado.

— E´verdade. Hoje, qual nunca, experimento um cansaço de morte; creio mesmo não tardarei muito a deixar este mundo e é bem possivel esteja por algumas horas.

— Quem sabe? Só Deus! Para que se martyriza assim com semelhantes pensamentos?

Noto apenas o incommodo de falar sem descanso. E' bom repousar um pouco; deixe-se de recordações tão penosas! Varra isto do sentido; o Senhor melhorará, pois o seu incommodo é curavel.

— Curavel!... com a morte, não é?

— Não digo isso. Trago alguns remédios, uma pequena ambulancia — que ponho á disposição do amigo. Por enquanto, é útil um pouquinho de descanso; outra hora tomarei.

— Não, senhor! Sua presença neste rancho é uma felicidade, e foi Deus quem o mandou; no entanto, o Senhor tem razão para se retirar: não há creatura que aguento ficar perto de mim.

— Capitão, por favor! Da melhor vontade aqui estou.

— Interrompendo o que lhe falava inda ha pouco, si o senhor Alferes tem coragem de ver meu estado, faça o favor de chegar mais perto.

O barqueiro, accedendo ao convite, fez um gesto á família para que se retirasse: e, sem estar de espirito aparelhado, ao approximar-se do enfermo que a custo se descobrira, sentiu suores frios deante d'aquelle ser em tocantissima decomposição. Retirados uns sebentos e velhos trapos de baêta, moscas em nuvens zumbiam tripudiantes sobre aquelles destroços humanos, expostos ás intemperies do tempo, cobertos de podridão e vermes, de alto a baixo, tendo a cabeça desnudada e disforme, quasi sem nariz, sem orelhas: uma lepra nojenta, cobrindo-lhe todo o tronco, e descendo, por descompassadas e medonhas fontes do mal, terriveis ulceras, despejando-se pelas pernas, cujos pés haviam sido sepultados já, e que afinal por mais dias dariam cabo das túbias do mesmo modo.

— Impossivel resistir, meu Deus! Não sei de que maneira este homem ainda tem vida, pensou consigo o alferes.

— Dizem, meu alferes, “quem com ferro fere com elle será ferido.”

Esta verdade cava-me o peito todos os dias, todas as horas, acompanha-me até por pensamentos.

Muita gente entende mal, não sabe, não quer saber, não quer meditar neste grande conselho das parabolias de Jesus Christo, e de como ellas se realizam.

Cuidam muitos que não cumprem nunca; mas é engamno: não fica letra sobre letra: tudo á risca!

Eu não achei um ferro; e, ai! Quem me dera um mais brando do que este?!

Almejo a morte, como quem padece sede de abrasar, e ella não me quer! Ella não vem!... Gemeu acentuadamente o enfermo, chorando; tarda-me, não chega, não vem nunca!... nunca!?

Ah! grandes são as miserias humanas, meu alferes, disse ainda, soluçando.

— Não, meu amigo! Nem tudo é como se deseja.

E' uma prova que Deus lhe dá, e que, resignado, o capitão deve acceitar.

— Ora, mais paciência, mais resignação do que tenho?!

Estou muitissimo castigado do meu orgulho. Tinha parentes de alta linhagem, nobre e fidalga, e esta razão mal entendida levou-me a praticar o que pratiquei com a maior barbaridade que o sol cobre.

Antes eu proprio, que os criei, e alimentei de certo modo tanta esperança fatal, os tivesse unido. Hoje estaria feliz junto a meus filhos.

Oh! maldicto orgulho que tudo abysma! Desgraçada soberba!

Saciei cruamente, demasiadamente minha vingança.

Eles estão mortos; e eu, meu amigo? e eu?...

Já não estaria vivo, si não encontro esta preta velha, cuja caridade não sei como pagar.

Eis para que servem as funestas vaidades deste mundo e a que ponto póde precipitar uma criatura qualquer acto inconsiderado.

Até aquelles mesmos que me ajudaram no crime, directa e indirectamente foram mais felizes do que eu.

— Como?

— Sim! sim, porque o diabo os levou de há muito.

Um fazendeiro de São João das Missões com quem me arranchára, foi quem me guiara ao lugar seguro onde se achavam os fugitivos, mandando commigo um dos seus camaradas; pois bem, esse fazendeiro foi assassinado por esse mesmo individuo, algum tempo depois.

Os outros tornaram-se meus aggregados de obrigação.

Morreram!

A um esfaquearam medonhamente em uma bebedeira dos arredores, e logo, levado para a minha residencia, expirára momentos após a chegada.

Facto bem contristador para meu espirito foi. Já eu experimentava, então, os meus revezes.

Chamava-se Zé Catrumano.

Outro, de nome Xico Cabo-Duro, assistia a um festejo de São Gonçalo aqui pela beira do rio, quasi perto do lugar onde se dera o conflicto do primeiro; o miseravel de tal fórma embriagára-se que, cahindo perto de uma fogueira da festa, desaccordado de cachaça, alli adormecera.

Ninguém vira nem soubera nunca de que modo pegou fogo á cartucheira, reduzindo a carvão o corpo do bebedo.

Quizeram acudir, porém era tarde. A este ultimo também dei sepultura.

Em dois annos tantos funestos acontecimentos!

Eu via a justiça de Deus marchando recta.

Resta, finalmente, este desventurado que aqui está coberto de bichos para morrer, e que não se demorará mais, pois começo a sentir, além de dores atrozes, um frio estranho.

E depois continuou o enfermo, como que reflectindo:

— Bem infeliz! Não?...

— !?

Não me importaria tanto com a morte, si não fossem as ultimas considerações e justas de minha filha.

A violencia para o mal não dá mais remedios.

Eu matei minha nettinha, meu amigo! soluçou o enfermo.

Minha filha, depois que lhe neguei o perdão, pediu-o para o filho, que tambem neguei.

Então disse-me com coragem admiravel e relativo orgulho, que sua morte ella podia perdoar, mas a do filho não sabia quem m'a perdoaria.

E eu tomei aquillo como um atrevimento, um insulto e, inexoravel, desci ao abysmo do crime.

Tinha razão! Só hoje comprehendo tudo; embora errasse, era mãe!

Alferes, não póde o amigo avaliar quanto me fere e me queima o coração aquella apostrophe de martyr!

Está sellada com caractéres de fogo pela mão de Deus.

Si o arrependimento... ah! si o arrependimento me salvasse?!... Mas, nem d'elle sou merecedor.

— Basta, capitão! Sua amargura é bem extraordinaria. Não descreia um só instante da Providencia Divina. Temos todos o refugio do céu que a religião nos favorece. Soffrimentos taes são descontos; Deus é rigoroso na sua justiça; mas, nessa mesma há muita misericórdia, muita bondade e muito amor.

Mal de nós, se assim não fôra.

— Creia em seu sincero arrependimento e no perdão destas faltas.

Todos nós erramos; coragem, meu amigo!

Está perdoado. Supporte com resignação, si possível fôr, sua própria morte, volva suas vistas para o céu e tranquillize-se.

O enfermo nada respondeu.

Lágrimas compridas resvalavam-lhe pelas cavadas faces. Dor sincera superior ás do corpo punha-lhe o espirito – o arrependimento!

A senhora Lucinda, ouvindo toda aquella conversação, conservára-se silenciosa; mas, por fim, exclamára chorando:

— Meu Deus! Eu também tenho culpa na morte de minha filha. Eu... eu... e não concluiu.

O barqueiro, que nada mais era do que aquelle boiadeiro de que falámos no começo desta obra, retirara-se penalizado, com os olhos rasos de lagrimas.

— Triste a condição da vida neste mundo! Como se acaba este homem!? Coitado!

Seis anos haviam decorrido após a morte de Angelo e Hercília.

Era na época em que as arvores mostram de longe os louros cachos, onde se saciam as aves da floresta.

O sol marchava triumphante para o fim do dia, e grandes sombras estiravam-se pela superfície azul do São Francisco.

Approximava-se a hora do repouso.

Uma algazarra começou a levantar-se da margem opposta do rio: era um bando de papagaios bravos, vindo das vazantes para os poleiros baixos dos campos.

Uns, os que voavam mais alto, iam de passagem para as bandas do poente; outros, os que voavam mais baixo, por instantes pousavam nos joazeiros, pitombaes e ingazeiras, fartando-se ainda.

A esse tempo chega de carreira á barca a preta velha.

Esta mulher, caridosa e compassiva, em seus braços out'ora em sua residência – esse mesmo rancho de beira no chão – o ultimo adeus de Anna, mãe de Angelo, que, expulsa da fazenda da Bôa Vista, naquele logar deserto, cheia de fundos e mortaes sentimentos, ali se finára ignorada.

Agora, do mesmo modo, condoendo-se da miseria daquella familia foragida, trabalhando e esmolando aos pescadores e lavradores das ilhas, sabia de sua historia; e sem interesse, sinão o da caridade, cumpria essa missão junto aos infelizes. Admiravel tanta santidade!

— Vancê, disse ella, chegando á barca, fais favô de chega inté lá in riba outra vêis, apois mode coisa que seu capitão stá ispirano!...

O barqueiro correu, seguido de sua família e camaradas.

O rancho encheu-se.

— Metta uma vela na mão do homem, S'á Joaquina.

A preta, que assim se chamava, obedeceu, accendendo um rôlo de cêra crua; e, tomando um velho crucifixo, rezando, apertou-o entre as mãos do moribundo, que havia muito entrára em agonia.

Já não falava, quando dos galhos do joazeiro que amparava o rancho, se ouviu uma como voz estridente, espantada... asselvajada, mas, distincta, de um papagaio:

— Oh! Cila?... Cila?... e, gritando pela terceira vez, num estridor de azas d'alli se arrancára, desaparecendo no horizonte.

O agonizante, abrindo desmesuradamente os olhos, em um estertor e com doloroso esforço, com voz arrastada, rouca e sumida, pela ultima vez murmurou ainda:

— Heim?... heim?... Celinha? Celinha? Heim? Qu'é d'ella?...

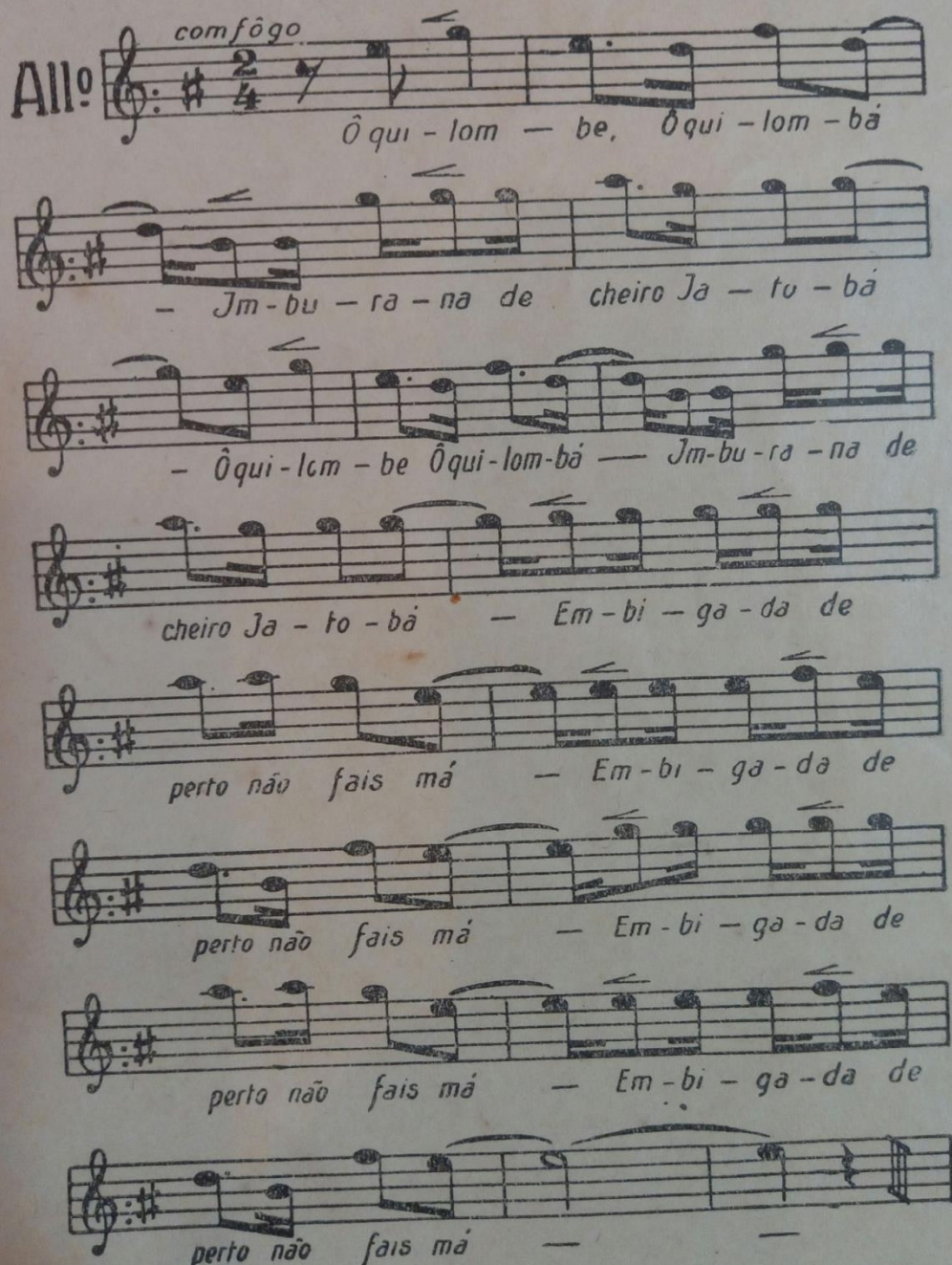
Ah! Per... dôa, minha... fi.. lh...!

APÊNDICE

BATUQUE

Musica de Elycio Horbylon

All: *com fôgo*



Ô qui - lom - be, Ô qui - lom - bá

- Jm - bu - ra - na de cheiro Ja - to - bá

- Ô qui - lom - be Ô qui - lom - bá - Jm - bu - ra - na de

cheiro Ja - to - bá - Em - bi - ga - da de

perto não fais má - Em - bi - ga - da de

perto não fais má - Em - bi - ga - da de

perto não fais má - Em - bi - ga - da de

perto não fais má -

O CANTO DO SABIA

Musica de Mamede Longuinho

Andante



o bater das azas

Andte

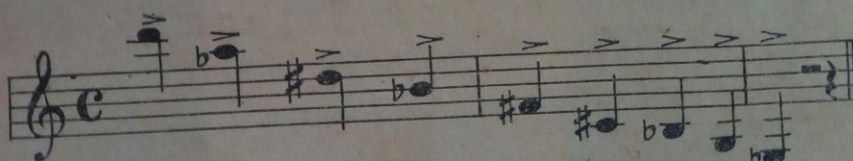


O canto



DA MÃE DA LÚA

Musica de Mamede Longuinho



O canto

ai ai ai ai ai ai ai ai

CANTIGA POPULAR

Musica de Elysio Korbylon

COM SENTIMENTO

ANDE *f* 0 - - a - - mō é uma can -

ga - ia. Que - se bota em quem qué bem Quem não qui -

zé le - vá can - ga - ia não quei - ra - bem a nin -

Ral. a tempo quem Quem não qui — zé le - vá can -

ga - ia não quei - ra - bem a nin - quem } Ande vivace

SUPPLICANTO *p* ô ly - ra ô ly — ra vai não vai?

S' ô - çe vai ou si voçe vem sô - cê fô - pa Ba -

hia eu vou tam - bem

CANTIGA POPULAR

Musica de Elysis Horbylon

Andantino

La em ca-sa tem um - a mo-
ça - Que eu mêmo é quem stou cri a - no - a dis-
pe - za quiã mo-ça fa - is - Eu - mêmo e quem stou pa-ga-
no - Po-rem tem um ser-to su - jei-to Que da mo-ça stã na-mo-
COM SENTIMENTO
rano Po-rem quem bo - li - cum ella Hen hem! Vai pa
Ba - hi - a cho - rano A dis-pe - za que a mo-ça
fa - is Eu mêmo é quem stou pa - gano Porem
quem bo - li - cum ella Hen hen! Vai - pa
Ba - hi - a cho - rano.



*O Autor e sua Obra*¹⁸



Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.¹⁹ Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira

¹⁸ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

¹⁹ Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

com representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco

(1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fêz morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nélson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da

navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

Pedro Borges Pimenta Júnior

Januária — MG, 11 de agosto de 2021.



